

Déborah de Carvalho Coelho

**O BISPO EUSÉBIO DE CESAREIA (265-339) E O PROCESSO DE
CRISTIANIZAÇÃO DO IMPERADOR CONSTANTINO I (272-337)**

Trabalho de conclusão do curso de História da Universidade Federal do Piauí, apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciado em História, sob a orientação do Prof. Dr. José Petrócio de Farias Júnior.

Picos

2021

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Biblioteca Setorial José Albano de Macêdo Serviço
Processamento Técnico

C672b Coelho, Déborah de Carvalho

O Bispo Eusébio de Cesareia (265-339) e o processo de Cristianização do Imperador Constantino I (272-337) / Déborah de Carvalho Coelho 2021.

Texto digitado

Indexado no catálogo online da biblioteca José Albano de Macêdo-
CSHNB

Aberto a pesquisadores, com as restrições da biblioteca

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) Universidade Federal do
Piauí, Licenciatura Plena em História, Picos-PI, 2021.

«Orientador: Dr. José Petrucio de Farias Júnior»

1. Império Romano. 2. Cristianismo. 3. Constantino I. 4. Eusébio de
Cesareia. I. Farias Júnior, José Petrucio de. II. Título

CDD 937

Maria José Rodrigues de Castro CRB 3: CE-001510/O



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 – Picos-Piauí Fone: (89)
3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos treze (16) dias do mês de julho de 2021, às 19:00h, no Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, **Déborah de Carvalho Coelho**, defendeu sua monografia sob o título, **O Bispo Eusébio de Cesareia (265-339) e o processo de cristianização do Imperador Constantino (272-337)**.

A banca foi constituída pelos professores:

Orientador: Profa. Dr. José Petrucio de Farias Júnior
Examinador 1: Profa. Dr. Jefferson Ramalho (PUC/SP)
Examinador 2: Profa. Verônica Lima de Carvalho (PPGHB/UFPI)

Deliberou pela APROVAÇÃO do candidato, tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 9,8.

Picos (PI), 20 de julho de 2021.

Orientador (a):

Examinador (a)

Examinador (a)

Verônica Lima de Carvalho

Dedico essa pesquisa aos meus queridos pais, por todo apoio durante a minha trajetória acadêmica, em especial a minha mãe por não me deixar desistir nos momentos mais difíceis. Por isso, sou muito grata.

AGRADECIMENTOS

Um trabalho, nunca é realizado sem o auxílio de muitas pessoas e instituições, sendo que cada um do seu jeito, presta sua contribuição para desenvolvimento de uma análise ou estudo. Por essa razão, venho aqui para expressar os meus agradecimentos.

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a Deus por me permitir vivenciar tamanha experiência, aos meus pais Maria Zuleide e Reginaldo por me ajudarem e fazer de tudo pra me manter na universidade mesmo com dificuldades, em especial a minha mãe Maria Zuleide que acredita mais nos meus sonhos do que eu mesma. Por isso sou extremamente grata.

Além do mais, gostaria de agradecer imensamente aos meus familiares, avô, avó, tios, tias, primas, primos e aos amigos por todo apoio, incentivos e paciência durante o desenvolvimento dessa pesquisa, sem tamanha compreensão e carinho não teria conseguido dar conta de tamanha responsabilidade em um período tão desafiador e temeroso quando esse em que estamos vivendo e sobrevivendo.

Desenvolver uma pesquisa em meio ao um cenário pandêmico foi extremamente difícil e se tornou uma experiência enriquecedora para mim, tendo em vista que se conseguir realizar um trabalho que envolver uma série de elementos científicos em um contexto novo repleto de medos, angustias e perdas. Considero que a partir desse momento posso realizar qualquer coisa, o mundo é o limite.

Além disso, gostaria de externar meus agradecimentos para meus professores, colegas, amigos e a todos que compõem a universidade por terem somado na construção do meu conhecimento durante não apenas a construção do trabalho de conclusão de curso, mais no decorrer de todo meu processo de formação.

Por último, mais não menos importante, gostaria de agradecer imensamente ao meu orientador, o Prof. Dr. José Petrócio de Farias Lima, pois foram muitas as suas contribuições e sugestões para a construção desse trabalho. Além de inúmeros conselhos dessa pessoa que passei a considerar como um amigo que insiste em me direcionar para o caminho certo mesmo quando eu entrava na contra mão. O desenvolvimento da minha pesquisa e a minha vida acadêmica sem os incentivos do prof. Petrócio não seria a mesma, por isso, sou muito grata de coração.

RESUMO

Pretendemos analisar na presente pesquisa como a relação entre o bispo Eusébio de Cesareia (265-339) e o Imperador Constantino I (272-337) contribuiu para construção da narrativa sobre a conversão do referido imperador romano, considerando, aproximação entre o Imperador Constantino, que é considerado pela historiografia eclesiástica o primeiro imperador a se converter ao cristianismo e o bispo palestino Eusébio de Cesareia que era um erudito cristão que propagou a superioridade do cristianismo sobre as outras religiões do Império Romano no contexto do século IV d.C. Para esse estudo, faremos a análise do discurso das obras a *História Eclesiástica e Vida de Constantino* de Eusébio de Cesareia, além de estabelecer um diálogo com historiografia brasileira que trata sobre a temática. Defenderemos que a suposta conversão de Constantino ao cristianismo oportuniza a compreensão das redes de contato entre líderes religiosos cristãos e líderes políticos na constituição de projetos de poder na antiguidade tardia.

Palavras-chave: Império Romano. Cristianismo. Constantino I. Eusébio de Cesareia.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	07
2.TÍTULO Eusébio de Cesareia: discurso, religião e poder.....	19
2.1 Subtítulo Trajetórias biográficas de Eusébio de Cesareia.....	20
2.2 Subtítulo A historiografia e a conversão do Imperador Constantino.....	29
3.TÍTULO Relações de poder entre bispos e Imperadores na Antiguidade Tardia: discussões historiográficas.....	41
3.1 Subtítulo As redes de contato entre líderes religiosos e líderes políticos na constituição de projetos de poder.....	41
3.2 Subtítulo A relevância do bispo Eusébio de Cesareia e do Imperador Constantino no processo de afirmação do cristianismo niceno.....	51
4.TÍTULO Análise da Vida de Constantino e História Eclesiástica de Eusébio de Cesareia.....	60
4.1 Subtítulo A conversão de Constantino sob o olhar de Eusébio de Cesareia.....	60
4.2 Subtítulo Constantino como Cristão: considerações do bispo Eusébio de Cesareia.....	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS	86

1 INTRODUÇÃO

O Império Romano no século IV é cenário de inúmeras mudanças e transformações no campo político e religioso. Por essa razão é alvo de muitos estudos, em virtude disso, foi escolhido como recorte temporal para a presente pesquisa. Logo, pretendemos investigar como a relação entre o bispo palestino Eusébio de Cesareia (265-339) e o Imperador César Flávio Valério Constantino (272-337) contribuiu para a construção da narrativa sobre a cristianização do referido Imperador Romano, levaremos em consideração, que Constantino é apontado pela historiografia eclesiástica como primeiro Imperador a se converter ao cristianismo e que Eusébio de Cesareia era um erudito cristão. O bispo cesareno em seus discursos popôs o fortalecimento e a superioridade do cristianismo sobre as outras religiões do Império Romano no século IV d.C.

Como já exposto, as discussões dessa pesquisa partem do Bispos Eusébio de Cesareia (265-339) que recebeu o reconhecimento de “pai da história eclesiástica” (FRANGIOTTI, 2000, p. 9). Após ter compilado a história do cristianismo primitivo em sua obra a *História Eclesiástica*. Bem como de Constantino I (272-337) um Imperador que governou grande parte do Império Romano entre 306 e 337, e que obteve conquistas com a derrota dos Imperadores Maxêncio e Licínio em guerras civis, o que resultou no controle de todo o Império em suas mãos. Constantino lutou e foi bem sucedido contra vários povos durante o seu Império, o que fez com que ele se tornasse uma figura ainda mais marcante dentro da história.

Esse período (entre o final do século III e o início do século IV d.C.) é marcado por grandes transformações e perseguições aos cristãos que estavam perdendo direitos e bens, além de supostamente se observar o primeiro Imperador cristão. Ademais, é nesse contexto que começa uma política de favorecimento aos cristãos feita pelos Imperadores César Flávio Valério Constantino e César Valério Liciniano Licínio, a partir desse marco, podemos perceber que ocorreu uma valorização do cristianismo e a unificação do Império Romano.

Nesse trabalho, pretendemos analisar as relações de poder entre bispos e Imperadores na antiguidade tardia, a partir do bispo Eusébio de Cesareia e do Imperador Constantino I. Além de entender como as relações de poder entre política e religião no século IV contribuiu para a definição de um tipo de cristianismo. Por essa razão delimitamos o recorte temporal da pesquisa ao século IV d. C. Levando em consideração que o período é de grande valia para entender as redes de contato entre líderes religiosos e líderes políticos na constituição de projetos de poder estabelecidos no Império Romano.

Tentamos ainda, identificar como os historiadores brasileiros demonstram a relação entre bispos e Imperadores, mais especificamente entre Eusébio de Cesareia e o Imperador Constantino, pois é indispensável para investigar como os historiadores brasileiros leram as obras de Eusébio de Cesareia para interpretar a conversão de Constantino. Essas questões são importantíssimas para revisamos a historiografia em curso no país sobre o assunto que vamos abordar em nossa pesquisa.

Buscaremos mostrar que, os esforços literários de Eusébio de Cesareia para registrar a conversão de Constantino teria sido feito como parte de uma estratégia política para oportunizar o estabelecimento de redes de contato entre líderes religiosos e líderes políticos na constituição de projetos de poder na antiguidade tardia, ou seja, Eusébio soube integrar o poder imperial aos propósitos dos cristianismos na medida em que inseriu Imperador Constantino na religião cristã.

Como podemos perceber, há muito tempo as relações entre política e religião são constituídas como forma de legitimar o discurso e as ações políticas, assim como para aumentar poder de persuasão de determinados indivíduos para a manutenção e dominação dos grupos. Contudo, percebemos muitos interesses que permearam no século IV a relação entre bispos e Imperador. Por essa razão, nossa pesquisa está centrada nesse contexto onde pretendemos averiguar e compreende melhor as redes de poder estabelecidas entre política e religião a partir das fontes primárias a *História Eclesiástica e Vida de Constantino*, além de estudos historiográficos que tratam sobre o Bispo Eusébio de Cesareia e o Imperador Constantino I.

Além do mais, foi no século IV d. C. que essa relação de poder estabelecida entre bispos e Imperador se solidificou, em grande medida com o desenvolvimento da ideia do “Império cristão” feita por Eusébio de Cesárea, assim como o processo de cristianização de Constantino que gerou uma aproximação com o Imperador. Ademais, é nesse período que a *História Eclesiástica* de Eusébio de Cesaréia (X. V. IV. p. 492) deixa transparecer que os Imperadores como Constantino I perceberam no cristianismo a possibilidade de se promover e tirar vantagem que levariam a unificação do poder. Além disso, é importante frisar que os cristãos nesse contexto advinham de uma cultura de perseguição e com a suposta conversão de Constantino I ao cristianismo e sua intervenção aquela realidade começou a se transformar.

A escolha do tema de pesquisa está relacionada à questionamentos do tempo presente sobre a relação entre política e religião que sucedeu com a campanha eleitoral para presidente da república do ano de 2018, tendo em vista que alguns candidatos se utilizaram da religião para se promover e conquistar votos para se elegerem. Logo, sabemos que as instituições religiosas não são neutras, mas declarar apoio e influenciar as pessoas através da fé para votar em determinado candidato é bem problemático.

Por essa razão, nossa pesquisa gira em torno da relação de poder estabelecida entre o bispo Eusébio de Cesareia e o Imperador Constantino I no século IV, pois é nesse período que notamos uma aproximação entre as instâncias de poder do Império Romano e autoridades eclesiais cristãs, que em grande medida está repleta de interesses. Tendo em vista, os muitos privilégios que essa relação possibilitou para os cristãos, para as lideranças eclesiais e para o Imperador.

Ademais, a perseguição aos cristãos, a hipotética cristianização do Império Romano e suposta conversão de Constantino ao cristianismo são fatores presentes nos discursos de Eusébio que nos permitem compreender as relações de poder que estão por traz dessa relação entre Imperador e bispos na antiguidade tardia, bem como as mudanças e permanências que se constituíram a partir desse contexto.

Além disso, ainda nos perguntamos se a reflexão sobre a relação de poder estabelecida entre política e religião na antiguidade tardia é feita como forma de refletir a religião e a política na nossa atualidade? Pois, para nós, essa reflexão crítica sobre os acontecimentos do passado que influenciam o presente com suas permanências é indispensável. Para culminar, questões como política e religião na antiguidade tardia precisam ser pensadas na sociedade atual, sem desconsiderar suas especificidades. Entretanto é no século IV da nossa era que buscamos indagações para acontecimentos do presente.

Entretanto, para compreender essas questões nos utilizamos do conhecimento histórico através das obras *História Eclesiástica* e *Vida de Constantino* de Eusébio de Cesareia que é um bispo que escreve diversas obras e por isso foram escolhidas por nós como referências e fontes para o desenvolvimento dessa pesquisa. Além de boa parte dos estudos brasileiros sobre Eusébio e Constantino com o intuito de compreender a relação político/religiosa e o cristianismo na antiguidade, bem como a suposta conversão do Imperador Constantino ao cristianismo e seus resquícios na contemporaneidade. Em virtude disso, pesquisamos o bispo Eusébio de Cesareia (265-339) e o processo de cristianização do Imperador Constantino I (272-337).

Para se entender os acontecimentos do tempo presente é necessário pesquisar sobre o passado para perceber que os acontecimentos que nos são apresentados hoje, são resquícios e influências da antiguidade. Nessa pesquisa utilizamos da antiguidade tardia e de um autor do período, como também de outros autores que relatam os acontecimentos no século IV, em especial boa parte das teses, dissertações e artigos da historiografia brasileira de 1990 a 2020 para buscar compreender a relação entre as instâncias de poder do Império Romano e autoridades eclesiásticas cristãs que se arrasta há muito tempo e que com as devidas transformações permeiam os dias hodiernos.

Todavia, a análise desse período (século IV d.C.) se faz necessária para compreensão das questões que permeiam as relações de poder

estabelecidas entre o bispo Eusébio de Cesareia e o Imperador Constantino I na Antiguidade Tardia. Além de nos possibilitar compreender a construção do discurso do cristianismo, religião que passou de perseguida a privilegiada dentro do Império Romano após a suposta conversão do Imperador Constantino I a fé cristã. Além disso, o recorte de tempo nos possibilita identificar a tentativa de constituição de um Império cristão nas obras de Eusébio.

A obra *História Eclesiástica* na última versão escrita por Eusébio, é composta por dez livros e está estruturada da seguinte forma: os primeiros sete livros se ocupam em expressar como foco principal o martírio, as perseguições, os apóstolos e o processo de progressão dos apóstolos, ou seja, como acontecia a sucessão dos missionários no desenvolvimento do cristianismo primitivo. Os três últimos livros tratam sobre os acontecimentos contemporâneos ao Bispo Eusébio de Cesareia e são onde o bispo palestino ressalta a perseguição contemporânea, a destruição das igrejas, as resistências dos cristãos e o surgimento de uma política pro-cristã realizada por Constantino, que na perspectiva de Eusébio se tornou o primeiro Imperador cristão.

Os principais livros da *História Eclesiástica* que vamos fazer uso são o VIII, IX e X por tratarem do Imperador Constantino desde acessão do posto de Imperador, passando pelas batalhas para se manter no poder, a política de favorecimento aos cristãos até a relação estabelecida entre bispos e Imperador. Por essa razão esses livros são necessários para que possamos compreender como a relação entre o bispo Eusébio de Cesareia e o Imperador Constantino I contribuiu para a construção da narrativa sobre a conversão do referido Imperador Romano.

Ademais, usaremos em caráter complementar os livros I, VI e VII da *História Eclesiástica* do bispo palestino, por tratar de questões sobre o cristianismo que são pertinentes para nossa pesquisa. Além disso, trabalharemos também com a introdução e notas complementares da obra, escritas por Roque Frangiotti, por ter sua relevância para o nosso estudo. É importante falar, que nessa pesquisa fazemos uso da versão em português

da *História Eclesiástica* de tradução das Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo (2000).

A obra, *Vida de Constantino*, também de Eusébio de Cesareia, que será trabalhada nessa pesquisa, é composta de quatro livros. O primeiro livro (I) ressalta a aproximação do Imperador Constantino com o Deus dos cristãos, que reflete na visão da cruz, na aparição de Deus em sonho, na construção do sinal da cruz, nas honras e presentes destinados a bispos e igrejas, como também na vitória de Constantino sobre os tiranos como Maxêncio e Licínio dentre outros. Eusébio para afirmar essa convicção religiosa de Constantino, relata que ele seguiu o exemplo de seu Pai Constâncio, bem como estabelece uma comparação do príncipe Augusto com Moisés líder religioso.

No segundo livro (II) da obra, Eusébio trata sobre a perseguição (destruição de igrejas e massacre de bispos) realizada por tiranos como Licínio contra o povo cristão. Além disso, o bispo escritor discorre que Constantino reagiu em favor dos cristãos, com leis que proibiam sacrifícios e ordenavam a construção de igrejas. Eusébio também evidencia nesse livro cartas trocadas entre o Imperador e os bispos para tratar de assuntos da igreja. Constantino ainda de acordo com Eusébio, se preocupava com questões como a controvérsia ariana, mas apesar de favorável aos cristãos, não coagia as outras religiões existentes no Império.

Outrossim, no terceiro livro (III) da *Vida de Constantino*, Eusébio falar sobre a piedade de Constantino, que organizou um sínodo em Niceia que contou com a presença de bispos de todas as províncias com intuito de estabelecer diálogos para consenso da fé e a Páscoa. Nesse evento também se professaram discursos de Eusébio bispo de Cesareia e Constantino em prol da paz. Eusébio também descreve a construção de um santuário em Jerusalém realizada pelo o Imperador favorável aos cristãos que anuncia esse feito através de cartas aos bispos e governantes. Não obstante, o erudito cristão relata sobre Helena, mãe de Constantino, além do edito contra hereges e demolição de templos e estatuas idólatras.

Contudo, no quarto e último livro (IV) da obra, o bispo escritor menciona que Constantino continua glorificando Deus e contra os perseguidores, nesse livro ainda trata da queda dos perseguidores, da paz dos cristãos, de doações as igrejas e aos pobres. Além de conter o discurso de Constantino sobre a assembleia de todos os santos e carta do imperador a Eusébio sobre o fornecimento das sagradas escrituras, ou seja, a preparação das bíblias. Segundo Eusébio, Constantino ordena a realização do sínodo de Tiro, recebe homenagem de Eusébio pela tricennialia e distribui o poder entre seus três filhos. Logo, é neste livro que Eusébio narra o batismo e a morte do Imperador.

Ademais, em nosso trabalho temos o intuito de trabalhar com mais profundidade o livro I, pois é nesse livro que Eusébio descreve a famosa visão da cruz que teria acontecido antes da batalha contra Maxêncio e foi entendida pela a literatura cristã como o momento da conversão do Imperador Constantino ao cristianismo, bem como o livro IV por narrar o batismo de Constantino a fé cristã. Além disso, como fonte de pesquisa, utilizaremos a obra na versão em espanhol com tradução de Martin Gurruchaga (1994).

Para melhor compreensão da nossa pesquisa faremos a análise do discurso das fontes documentais a *História Eclesiástica* e da *Vida de Constantino* do Bispo Eusébio de Cesareia. Na primeira obra o bispo narra os fatos da relação estabelecida entre política e religião que envolve os representantes religiosos a exemplo do próprio Eusébio e o Imperador Constantino I no século IV d.C. na segunda obra, sobretudo, se volta mais para a construção da imagem sagrada do Imperador enviado por Deus.

Levaremos em consideração nessa pesquisa sobretudo os conceitos de discurso e poder de Michel Foucault, para isso vamos utilizar duas de suas obras, são elas *a ordem do discurso* (1970) e *microfísica do poder* (1979). A primeira vai nos assessorar no que diz respeito à análise dos discursos, ou seja, vamos com base nos estudos de Michel Foucault procurar entender como o discurso se organiza, se manifesta e quais suas finalidades. A segunda nos ajudará na perspectiva de entender as diversas

relações de poder que permeiam a sociedade, isto é, o poder não se encontra unicamente nas mãos das categorias dominantes, mas também se encontra no cotidiano, ou seja, no meio das relações sociais.

Não obstante, entendemos que é indispensável para essa pesquisa entender como funciona e se organiza o discurso, tendo em vista, que o domínio do discurso é uma estratégia de poder. Para Foucault, o conceito do discurso gira em torno do ato de falar, transmitir e articular as ideias.

Dito isto, é importante ressaltar que o conceito de discurso de Foucault nos ajudar a pensar a trajetória discursiva do bispo Eusébio de Cesareia, um escritor cristão, que desenvolve discursos que versam de maneira geral sobre o cristianismo (que obviamente é sua escolha religiosa, logo se constitui como seu local de falar) e o Imperador Constantino em suas obras *História Eclesiástica* mais especificamente nos livros VIII, IV e X, bem como na *Vida de Constantino* no livro I e IV que será analisado nessa pesquisa. Percebemos o quanto é importante entendemos como o discurso articula as ideias de quem o escreve, por essa razão, levaremos em consideração todos os elementos que envolvem o discurso do bispo palestino.

O processo de investigação do discurso nessa pesquisa, levará em conta o contexto social, cultural e político no qual estava inserido o referido escritor cristão das obras supracitadas, além de perceber seus interesses, sejam eles religiosos ou políticos. Pois concordamos que, “O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas e os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar” (FOUCAULT, 1970, p.10).

Foucault também analisa como o poder se constitui na sociedade, ou seja, “O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso.” (FOUCAULT, 1979, p. 8). Esse diálogo sobre o poder realizado por Foucault, nos é útil para compreender as relações de poder que se constituíram no século IV a.C. entre bispos e Imperadores, em especial a

relação entre o bispo Eusébio de Cesareia e o Imperador Constantino que é perceptível no discurso do referido bispo cesareno.

Estar contido na *História Eclesiástica* (p.12), os comentários de Frangiotti sobre uma aproximação do Bispo Eusébio de Cesareia com o Imperador Constantino I e que por isso o bispo cesareno teria desenvolvido a ideia de “império cristão”. Logo, buscamos entender como o discurso da suposta conversão do Imperador a fé cristã presente no livro I da obra a *Vida de Constantino*, contribuiu para que houvesse mudanças no Império Romano, que tornaram o cristianismo uma religião favorecida dentro do Império.

A *História Eclesiástica* (X. II. II. p. 467) nos traz a questão da política de privilégios que o Imperador destinava aos cristãos no século IV, principalmente o favorecimento e os presentes designados aos bispos. Ademais, nesse contexto de acordo com a *História Eclesiástica* (X.V.XVI. p. 495), Constantino vai repassar através de uma carta, instruções formais para a restituição dos bens que foram apreendidos da igreja católica dos cristãos.

Esses pontos presentes no discurso de Eusébio são importantes para investigar o processo de cristianização do Imperador Constantino, ou seja, para compreender o papel do bispo e do Imperador no processo de cristianização do referido Príncipe Augusto e do Império Romano nas obras do erudito cristão. Foucault nos orienta que “A “verdade” está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem. “Regime” da verdade.” (FOUCAULT, 1979, p. 11).

Não obstante, vamos trabalhar no sentido de investigar como os discursos do bispo palestino presente nas fontes da nossa pesquisa, exerceu controle e poder no Império, possibilitando a passagem do cristianismo de religião perseguida a privilegiada na antiguidade tardia. Pois, como nos corrobora Foucault, “A formação regular do discurso pode integrar, sob certas condições e até certo ponto, os procedimentos de controle” (1970, p. 66).

Os caminhos metodológicos que vamos seguir nesse estudo, indubitavelmente, estarão imbricados na forma de analisar o discurso de Michel Foucault (1970) por meio da descrição crítica que externa as estruturas do discurso, ou seja, sua fundamentação, distribuição e produção (p.60-61) e a genealogia que retorna a origem do discurso para mostra seus interesses e objetivos, isto é, procurando entender quais foram os impulsos que possibilitaram o nascimento e a permanência dos discurso no meio social. (p.69).

Além disso, Foucault também colabora para esse estudo com sua pesquisa sobre poder e a afirmação de sua existência no meio das relações sociais. Esses procedimentos de análise do discurso e do poder são muito úteis para a discursão que nos propomos abordar nesse trabalho. Levando em consideração que “O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante dos seus próprios olhos” (FOUCAULT, 1970, p. 49)

Nesse momento, vamos mencionar algumas das dissertações, teses e artigos ligadas à nossa temática que servirão para aprimorar a análise do nosso trabalho, isto é, esses estudos historiográficos nos ajudarão a pensar a narrativa sobre a conversão do Imperador Constantino. Tendo em vista que fazem parte dos discursos historiográficos sobre as fontes do bispo Eusébio de Cesareia. Logo, tais interlocutores são relevantes para dialogar com a temática em investigação no presente trabalho.

Vamos utilizar a dissertação de mestrado de Robson Della Torre que tem como tema “A atuação pública dos bispos no principado de Constantino: as transformações ocorridas no império e na igreja no início do século IV através dos textos de Eusébio de Cesareia”(2011) Robson trabalha com as três obras de Eusébio de Cesareia que tem como título a “*Historia Ecclesiásticas*”, o “*Louvo a Constantino*” e “*Vida de Constantino*” por essa razão se torna referência para nós, pois, nos possibilita perceber a relação que se estabelecia entre a política e a religião na antiguidade tardia através do Bispo Eusébio de Cesareia e do Imperador Constantino I.

Além disso, a dissertação de Della Torre (2011) versa sobre a atuação pública dos bispos em especial o Bispo Eusébio de Cesareia no governo do Imperador Constantino I, o que nos permitiu entender melhor a participação do bispo em assuntos políticos da corte imperial. Outro ponto interessante é que através da dissertação entende-se melhor a questão da política de privilégios que o Imperador designava aos cristãos no século IV, principalmente o favorecimento e presentes destinados aos bispos. Esse último ponto está presente também na obra primária (H. E. X. II. II. p. 467) de Eusébio de Cesareia que traz de forma clara a relação de interesses que os bispos tinham com o Imperador para conseguir privilégios como honras, presentes e outros, fato que fortaleciam a relação entre bispos e Imperador.

Ademais, faremos uso em nosso estudo da tese de Jefferson Ramalho (2018) intitulada “Constantino nas palavra e nas coisa: a (não) cristianização imediata do império romano a partir das diferenças e das semelhanças entre representações político-religiosas de fontes literária e de fontes arqueológicas (312-337).” esse trabalho corrobora com a nossa pesquisa no sentido de perceber as várias identidades político religiosa do Imperador Constantino, além de compreender as mudanças no império romano e no cristianismo.

A dissertação de Eliton Silva “Eusébio de Cesaréia e a defesa do patrimônio imobiliário cristão (século IV d.C).” nos é relevante para pensar que os discursos do bispo palestino contribuíram para a expansão do patrimônio dos cristãos que saíram da condição de perseguidos para favorecidos no Império Romano. Isso se deu em grande medida a partir da relação estabelecida entre o líder religiosos cristãos e o Imperador Constantino I. Além disso, o trabalho de Silva torna-se favorável para a nossa pesquisa no que diz respeito ao seu esforço por traçar a história do bispo Eusébio.

Mais um referencial historiográfico que é importante para nosso estudo é a dissertação de Miguel Marvilla “o império romano e o reino dos céus a construção da imagem sagrada do imperador em “De laudibus Constatini”,

de Eusébio de Cesareia (séc. IV d.C.)” pois Marvilla trabalha com o discurso de Eusébio como forma de conceber um deus na terra que é um ponto de extrema contribuição para o nosso trabalho que tem como investigação a suposta conversão do Imperador Constantino I ao cristianismo.

Outro estudo historiográfico que vamos fazer uso na pesquisa é o artigo “a História Eclesiástica de Eusébio de Cesareia frente à tradição historiográfica clássica” (2015) de Néri Almeida e Robson Torre trabalha no sentido de mostrar como era a forma mais literária de escrita da história na antiguidade e na idade média e suas intencionalidades, além de como essas formas de escrita são vistas e entendidas na historiografia clássica. Ademais, os autores buscam mostrar que na antiguidade e na idade média também houve historiografia e historiadores e que a forma como os historiadores antigos e medievais narram os acontecimentos era tão importante como o próprio acontecimento.

O texto de Néri Almeida e Robson Torre (2015) tem como objetivo analisar a História Eclesiástica do bispo Eusébio de Cesareia. E propõe que levemos em consideração às possibilidades descritas, pois são a partir delas que os autores pretendem mostrar a relevância para uma melhor compreensão da obra, bem como cogitar novas formas de análise para um entendimento mais aprofundado sobre a questão da igreja no final do século III e início do IV bem próximo do Império de Constantino I. Esse texto nos permite entender melhor a forma como Eusébio de Cesareia conta a história eclesiástica no contexto em que Constantino se constituiu como Imperador, e a relação estabelecida entre política e religião na versão descrita por Eusébio.

Contudo, esse debate historiográfico tem sua relevância para nossa pesquisa, levando em consideração que essas fontes e também os estudos sobre a temática poderão nos proporcionar um maior arcabouço de informações em torno da área da nossa pesquisa, isto é, o uso dessas fontes e o diálogo com os interlocutores favorecem a construção da nossa pesquisa que gira em torno da relação de poder entre o bispo Eusébio de Cesareia e o Imperador Constantino I, onde buscamos compreender a

contribuição desse dois sujeitos históricos na construção da narrativa sobre a cristianização do referido Imperador Romano. Bem como a relevância de ambos no fortalecimento de um único cristianismo como fonte de poder no século IV d.C.

Este estudo estar dividido em três capítulos, no primeiro trataremos sobre Eusébio de Cesareia: discurso, religião e poder, onde trabalharemos a história do erudito cristão e seus discursos e os da historiografia a respeito da conversão do Imperador Constantino. No segundo capítulo, trabalharemos as relações de poder entre bispos e Imperadores na Antiguidade Tardia e a relevância do bispo Eusébio de Cesareia e do Imperador Constantino no processo de afirmação do cristianismo niceno. No terceiro e último capítulo, analisaremos as obras *Vida de Constantino* livros I e IV e *História Eclesiástica* livros VIII, IX e X de Eusébio de Cesareia, no sentido de compreender como a relação entre o bispo Eusébio de Cesareia e o Imperador Constantino I contribuiu para a construção da narrativa sobre a conversão do referido Imperador Romano.

1. EUSÉBIO DE CESAREIA: DISCURSO, RELIGIÃO E PODER.

Neste capítulo pretendemos apresentar, o bispo Eusébio de Cesareia, sujeito histórico responsável por descrever grande parte da história do cristianismo e também do Imperador Constantino no século IV d.C por meio de suas duas fontes que serão analisadas nesse estudo (*História Eclesiástica* e *Vida de Constantino*), no interior das quais analisaremos a suposta conversão do Imperador Constantino, evento que se tornou peça chave de nossa pesquisa, tendo em vista a relevância de tal abordagem à história do cristianismo. Não obstante, vamos mostrar nesse capítulo como a historiografia pensa e entende a conversão do Imperador a fé cristã, tendo em vista que ainda hoje é um tema polêmico e problemático dentro da história política e religiosa do Império Romano.

2.1 Trajetórias biográficas de Eusébio de Cesareia.

O bispo Eusébio de Cesareia é um sujeito histórico importante para a compreensão da história do cristianismo e sua expansão, além da relação estabelecida entre bispos e Imperador, isto é, a relação entre religião e a política no contexto do século IV da nossa era, por essa razão faz-se necessário descrever dentro do possível sua trajetória para que possamos analisar da forma mais coerente possível os discursos professados por ele, pois em grande medida, seus escritos inseriu os cristãos em uma posição favorecida, ou seja, possibilitou que os cristãos passassem de perseguidos a privilegiados dentro do Império Romano.

A *História Eclesiástica* que é uma das mais importantes e pesquisadas obras de Eusébio, apresenta uma breve explanação biográfica do Bispo de Cesareia. Tendo em vista, que relata nas notas introdutórias escritas por Roque Frangiotti a história do próprio Eusébio como o seu nascimento que aconteceu provavelmente de 260-265 e também a cidade de Cesareia na Palestina onde teria possivelmente nascido no período descrito acima (2000. p. 9).

Este livro deu ao Bispo Eusébio de Cesareia um reconhecimento de “pai da história eclesiástica” (FRANGIOTTI. 2000. p. 9). O livro se torna extremamente necessário para quem quer compreender o contexto religioso, político e cultural do cristianismo dos quatro primeiros séculos da era cristã como os apóstolos, os mártires, as perseguições, os imperadores que favoreceram a religião, ou seja, a história do cristianismo primitivo.

Ademais, há controvérsias sobre a possível data do nascimento do bispo, como nos mostra o relato a seguir. “Nascido entre os anos 260 e 269 (RAMALHO, 2013, p. 55-56), Eusébio pode ser considerado um intelectual cristão pré-niceno, ou seja, mais próximo das elaborações teológicas que

antecederam o Concílio de Niceia, em 325.” (Apud RAMALHO, 2018, p. 39). Contudo, “Apesar da probabilidade de ter nascido na helenizada Palestina, a presença predominante da língua grega em sua vida e em seus escritos demonstra-nos que era um cidadão de origem helenística.” (RAMALHO, 2018, p. 41). Não obstante:

Também não se sabe se sua família seria de origem cristã ou não, mas a forma com que Eusébio se refere aos samaritanos e aos judeus, grupos étnico-culturais com presença marcante na região da Palestina, assim como o conhecimento que ele demonstra possuir da cultura clássica antiga, as diversas viagens que realizou e a extensão de suas obras podem indicar a origem de sua família como sendo grega ou ao menos grandemente helenizada (FRAZÃO, 1990, p. 56). Tal fato também pode indicar que Eusébio teria vindo de uma família de posses, já que teve uma vida dedicada aos estudos. (Apud SILVA, 2015, p. 45).

Schaff ([18--], p.7). Ressalta que:

Acacius, the pupil and successor of Eusebius in the bishopric of Cæsarea, wrote a life of the latter (Socr. *H. E.* II. 4) which is unfortunately lost. He was a man of ability (Sozomen *H. E.* III. 2, IV. 23) and had exceptional opportunities for producing a full and accurate account of Eusebius' life; the disappearance of his work is therefore deeply to be regretted. Numerous notices of Eusebius are found in the works of Socrates, Sozomen, Theodoret, Athanasius, Jerome, and other writers of his own and subsequent ages (...)¹

Como podemos observar na citação anterior a biografia ou panegírico sobre a vida de Eusébio escrito por Acácio seu aluno e sucessor perdeu-se, com isso muito pouco ou quase nada se conhece de fato sobre a vida de Eusébio, antes de se tornar bispo de Cesareia, além do que ele mesmo escreveu. Porém, tido como um historiador do seu tempo e sem registros de quem foram seus pais, irmãos ou antepassados. Agregou a seu nome ao de

¹ Tradução: Acácio, aluno e sucessor de Eusébio no bispado de Cesareia, escreveu a vida deste último (Socr. *H. E.* II. 4) que infelizmente está perdido. Ele era um homem de habilidade (Sozomen *H. E.* III. 2, IV. 23) e teve oportunidades excepcionais para produzir uma obra completa e precisa da vida de Eusébio; o desaparecimento de seu trabalho é, portanto, profundamente para ser lamentado. Inúmeros avisos de Eusébio são encontrados nas obras de Sócrates, Sozomen, Theodoret, Atanásio, Jerônimo e outros escritores de sua própria e posteriores idades (Schaff, [18--], p.7).

seu mestre e amigo Pânfilo (H.E. p. 9). Além disso, como nos corrobora Schaff ([18--], p.8).

Our author was commonly known among the ancients as Eusebius of Cæsarea or Eusebius Pamphili. The former designation arose from the fact that he was bishop of the church in Cæsarea for many years; the latter from the fact that he was the intimate friend and devoted admirer of Pamphilus, a presbyter of Cæsarea and a martyr. Some such specific appellation was necessary to distinguish him from others of the same name. Smith and Wace's *Dictionary of Christian Biography* mentions 137 men of the first eight centuries who bore the name Eusebius, and of these at least forty were contemporaries of our author. The best known among them were Eusebius of Nicomedia (called by Arius the brother of Eusebius of Cæsarea), Eusebius of Emesa, and Eusebius of Samosata.²

Sendo Eusébio de Pânfilo ou de Cesareia, o bispo palestino tende a abordar a história pelo o viés da geografia, exegese, apologia, teologia dogmática e biográfica motivos pelo qual Constantino³ o estimava e favorecia (FRANGIOTTI. 2000. p. 12-13). Além disso, “Sua relação com Pânfilo, com quem dividiu a mesma casa por algum tempo, teria para Eusébio uma importância equivalente aos posteriores encontros com Constantino.” (RAMALHO, 2018, p. 40).

Os primeiros estudos de Eusébio foram feitos com Doroteu, sacerdote de Antioquia, logo em seguida com Pânfilo um dos mais fiéis seguidores de

² Tradução: Nosso autor era comumente conhecido entre os antigos como Eusébio de Cæsareia ou Eusébio Pânfilo. A designação anterior surgiu do fato de que ele era bispo da igreja em Cæsarea por muitos anos; o último do fato de que ele era o amigo íntimo e dedicado admirador de Pânfilo, presbítero de Cæsareia e mártir. Alguma denominação específica era necessária distingui-lo de outros com o mesmo nome. Dicionário Smith e Wace da biografia cristã menciona 137 homens dos primeiros oito séculos que usavam o nome Eusébio, e destes, pelo menos quarenta eram contemporâneos de nosso autor. O mais conhecido entre eles estavam Eusébio de Nicomédia (chamado por Ário, irmão de Eusébio de Cæsarea), Eusébio de Emesa e Eusébio de Samosata. (Schaff, [18--], p.8).

³ Constantino I (272-337) foi um Imperador que governou grande parte do império romano, e que obteve conquistas como a derrota dos Imperadores Maxêncio e Licínio em guerras civis, o que resultou no controle de todo o império em suas mãos. Constantino lutou e foi bem sucedido contra vários povos durante o seu império, além de que é considerado pela a historiografia eclesiástica o primeiro Imperador a se converter ao cristianismo que fez com que ele se tornasse uma figura ainda mais marcante dentro da história. (COELHO, 2020, p.88)

Orígenes⁴ (FRANGIOTTI. 2000. p. 9). “Suas habilidades intelectuais foram desenvolvidas junto à Pânfilo, num período turbulento para os cristãos da parte oriental do Império Romano, em especial na Província da Palestina, que permanece sob o domínio de Licínio até o ano de 324 d.C.” (SILVA, 2015, p.46). Além do mais:

A ida do mestre de Eusébio para a cidade de Cesareia parece ter sido motivada pela passagem e ações marcantes de Orígenes pelo local. Barnes (1981, p. 94-95) indica que Pânfilo teria sido um ardoroso defensor das ideias de Orígenes e, mais do que isso, teria se dedicado em revisar e corrigir boa parte de sua produção, juntamente com amigos e pupilos, dentre os quais, certamente se encontrava Eusébio. (Apud SILVA, 2015, p.46).

Quando o advento da perseguição de Diocleciano eclodiu, Pânfilo foi aprisionado por volta de 307. Eusébio fiel a seu mestre o acompanhou e na prisão escreveram uma apologia sobre Orígenes de cinco livros que foi interrompida pelo martírio de Pânfilo em 310, não obstante, Eusébio escreverá o sexto livro da obra, assim como também a biografia de Pânfilo. (FRANGIOTTI. 2000. p. 9-10). O período conturbado vivenciado por Eusébio provavelmente influenciou na escrita de suas obras posteriormente.

Após o martírio de Pânfilo, Eusébio se resguarda em Tiro, mas em seguida, dirigiu-se para o Egito onde terminou prisioneiro. No entanto, com a publicação do edito de pacificação de Galério em 311, Eusébio volta para à Palestina. (FRANGIOTTI. 2000. p. 10). Com isso, “(...) por volta de 313, ano decisivo na história do cristianismo devido à promulgação de mais um Edito⁵

⁴ Orígenes (185-253), um intelectual cristão bem reconhecido no seu tempo e também como seu pai era um mártir e sacerdote fiel a religião cristã. Como nos evidencia a *história eclesiástica*, “o incêndio da perseguição se propagava então, e milhares de fiéis haviam cingido a coroa do martírio. Tal paixão pelo o martírio se apossou da alma de Orígenes, ainda menino, que era para ele prazer ir ao encontro dos perigos, saltar e lançar-se à luta.” (VI. II. III. p. 280).

⁵ Por volta de 313 foi promulgado por Constantino Augusto e Licínio Augusto o Edito de Milão que versava sobre medidas a serem tomadas para a restituição dos bens confiscados dos cristãos. Mais informações podem ser encontradas em: EUSÉBIO, Bispo de Cesaréia, 265-340. *História eclesiástica/Eusébio de Cesaréia*. In: tradução Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000.

imperial diretamente favorável aos cristãos, Eusébio foi elevado à condição de bispo de Cesareia.” (RAMALHO, 2018, p. 42). A posteriori:

Voltando à Pânfilo, identificamos que sua passagem por Cesareia permitiu sua ordenação como sacerdote por Agápio, que, por sua vez, manteve-se na condição de bispo local até o ano de 306 d.C., quando foi morto. Conforme destacado por Eusébio, no excerto anterior, Pânfilo teria fundado uma escola de teologia que dá seguimento aos estudos de Orígenes e constitui, além dessa escola, uma considerável biblioteca (DANIÉLOU; MARROU, 1984, p. 218), com obras herdadas de seu mestre Orígenes. (Apud SILVA, 2015, p.46).

Nesse momento, após o relato sobre a escola e a biblioteca, faz-se necessário fazer uma breve explanação sobre a cidade de Cesareia que foi um centro cultural, político, de conhecimento religioso e formação de intelectuais muito importante no Império Romano. Em primeiro lugar, “Cesareia é um nome que deriva claramente da figura do imperador, de César. É por isso que existe uma série de outras cidades com o mesmo nome, em diversas províncias do Império Romano.” (SILVA, 2015, p.83). Ademais:

Fundada alguns anos antes de nossa era, Cesareia foi construída para ser a capital e, também, um importante centro comercial do reino de Herodes. Templos, ruas organizadas, prédios públicos e estruturas administrativas diversas foram construídos sob seu comando e já no sexto ano de nossa era, Cesareia se transformou na sede administrativa do Império Romano na região da Palestina. Em meados do primeiro século ela possuía uma população aproximada de 45.000 pessoas (CARRIKER, 2003, p. 1). (Apud SILVA, 2015, p.83).

A cidade de Cesareia exerceu um papel extremamente relevante durante o Império Romano, possuiu uma estrutura grandiosa planejada por Herodes que a tornará a cidade mais importante da palestina, bem como uma escola teológica fundadas por Pânfilo e uma biblioteca fundada por Orígenes que resultou na formação intelectual do bispo Eusébio que agregou a seu nome ao nome da cidade após ser instituído como bispo na cidade de Cesareia em 313.

Decerto, Pânfilo estruturou um grande centro natural para estudos teológicos, com uma imensa quantidade de trabalho feitos por ele e sob sua direção, na reprodução de cópias das Santas Escrituras, das obras de Orígenes. Em virtude disso, tudo nos leva a crer que Eusébio foi um dos seus aprendizes que ajudou Pânfilo nessa jornada. Além disso, como nos evidencia Silva (2015, p.85):

Sendo considerada a principal cidade de sua província, uma das mais importantes da parte oriental do Império Romano, possuindo um porto fortificado e um comércio dinâmico, a cidade de Cesareia acaba compartilhando uma série de elementos que vão muito além de suas relações comerciais, passam pelas relações culturais e, sem dúvida, podem estabelecer novas relações políticas. Foi exatamente esta cidade cosmopolita que atraiu a atenção de Orígenes, no século III d.C.

Além do mais, Cesareia Marítima como se tornou conhecida (certamente para evitar uma confusão com relação a identidade, tendo em vista, que havia várias cidades com o mesmo nome) foi palco de misturas étnicas como nos informa Silva a despeito dos grupos étnicos existentes na cidade incluído os pagãos, “Etnicamente, a Cesareia Marítima onde Eusébio desenvolveu seus estudos e produziu sua literatura, possuía uma variedade que circundava pelo menos quatro grupos étnicos locais: judeus, samaritanos, cristãos e os religiosos romanos” (2015, p.86)

Entretanto, foi nesse contexto cultural, político e religioso da cidade de Cesareia Marítima que constituiu elementos essenciais para a formação de Eusébio como ressalta Silva (2015, p.48) “A formação e experiência de Eusébio junto à escola e a Biblioteca de Cesareia foram os elementos que permitiram a ele se tornar um sábio, um professor, um intelectual.” Contudo:

Ao abordar a atuação de Eusébio por este prisma, ou seja, entendendo sua condição como intelectual, a atuação de Eusébio, que se torna bispo da cidade de Cesareia por volta do ano 313 d.C., acaba por extrapolar os limites da simples defesa da fé. Nossa interpretação considera a atuação de Eusébio tanto no sentido de defesa da fé cristã quanto do patrimônio imobiliário de cristãos. Eusébio coloca-se, cada vez mais, como a voz dos cristãos de sua região a ser ouvida

pelo poder imperial, fazendo-se representante desses cristãos. (SILVA, 2015, p.49)

Considerado um historiador de seu tempo, Eusébio indubitavelmente foi um dos primeiros a se preocupar em registrar a história do cristianismo, ou seja, o erudito cristão se propôs de forma inédita a compilar os enredos que permeavam a história da fé cristã dos primeiros séculos. O próprio bispo cesareno considera a *História Eclesiástica* um trabalho único, nunca antes realizado. Por isso ressalta que “A meu ver, forçoso é realizar tal plano, visto que até hoje talvez nenhum dos escritores eclesiásticos se tenha ocupado em empreender uma obra desta espécie. Confio que se revele muito proveitosa aos que se interessam pelos valiosos ensinamentos da História.” (H.E. I.I.V. p. 31).

Durante sua vida, o bispo Eusébio de Cesareia aproveitando o acesso à escola e a biblioteca de Cesareia onde se encontrava inúmeros manuscritos clássicos e contemporâneos ao bispo sobre o cristianismo, dedicou-se a erudição de uma grandiosa produção intelectual. Ademais, “Apenas uma atuação constante nas bibliotecas da Palestina, onde estava reunida boa parte da literatura cristã de até então, permitiria que as pesquisas de Eusébio resultassem, com tanta eficácia, em uma produção de tamanha importância.” (RAMALHO, 2018, p.46). Nesse momento, é necessário trazer a relação das vastas obras produzidas por Eusébio, quem nos auxilia nesse sentido é Silva (2015, p.56)

a) **Obras históricas:** *Crônica, sobre os mártires da Palestina, História Eclesiástica, Vida de Constantino e Louvor a Constantino;*

b) **Obras apologéticas:** *Introdução elementar geral, Contra Porfírio, Preparatio evangelica, Demonstratio evangélica, Refutação e apologia Teofania e Contra Hiérocles.*

c) **Obras bíblicas e exegéticas:** *Onomasticon, Questões sobre o evangelho e suas soluções, tratado sobre a Páscoa, A Poligamia e a família numerosa dos patriarcas, os cânones evangélicos, Comentário dos Salmos e Comentário sobre Isaías.*

d) **Obras dogmáticas:** *Contra Marcellum e De ecclesiastica theologia.*

Como podemos observar não são poucas as obras produzidas pelo o bispo cesareno, mas para nossa análise vamos fazer uso da documentação que Eusébio trata da relação com o imperador, especialmente a *Vida de Constantino* onde o bispo descreve uma espécie de biografia do Imperador Constantino I e a *História Eclesiástica* onde Eusébio trata a princípio dos martírios, apóstolos e perseguições.

E, em seguida, evidencia uma política pro-cristã de Constantino, isto é, relata a benevolência do Imperador com relação ao favorecimento da cristandade com uma série de leis, éditos, cartas favoráveis aos cristãos. O que favorece o aumento dos bens dos cristãos que tinham sido confiscados anteriormente. Não obstante:

Na obra de Eusébio que são nitidamente herança de Orígenes: uma delas seria a busca pela conciliação entre o poder imperial e a igreja cristã, projeto que só será vislumbrado como possibilidade real após a chegada de Constantino ao poder, realidade intangível para o contexto vivido por Orígenes. (SILVA, 2015, p.49).

Com relação as obras que tratam sobre Constantino principalmente, é bem presente o caráter panegirista de Eusébio. No entanto, o temperamento apologético é muito perceptível nos escritos do bispo cesareno, ou seja, sua história foi escrita em grande medida com um propósito apologético. Porém, temos que tomar cuidado para não cometer equívocos com relação aos escritos de Eusébio e suas intenções transferidas através dos discursos. De acordo com Ramalho (2013, p. 64):

Aliás, é importante que entendamos a diferença entre o Eusébio panegirista e o Eusébio apologista. Não podemos misturar esses dois conceitos, pois, mesmo sendo duas características muito presentes em textos e discursos do mesmo autor, há que se esclarecer que ele se mostra um apologista ao se referir à religião cristã e um panegirista ao se referir ao imperador (Apud RAMALHO, 2018, p. 45).

Poderíamos dizer que Eusébio foi um escritor de história a frente de seu tempo se levamos em consideração que ele tinha consciência que seus discursos precisavam ser fundamentados por obras anteriormente escritas, por leis promulgadas no Império dentre outros elementos que para a época deve ser levado em conta. Ademais, “É importante destacar que Eusébio não se limitou às consultas no acervo de Cesareia, mas também, buscara informações em outras bibliotecas ainda antes da perseguição promovida por Diocleciano” (RAMALHO, 2013, p.60- 61. Apud RAMALHO, 2018, p. 42).

Devemos ressaltar que as pesquisa de Eusébio foram realizadas em várias fontes que ele teve acesso durante sua vida. Além disso, Ramalho discorre que Eusébio decerto teria se dedicado a organizar a biblioteca, como isso pode aprofundar o seu conhecimento interpretativo dos documentos que tinha acesso. O caráter apologético central de sua obra provavelmente teria se fundamentado nas leituras e pesquisas realizadas nesse período enquanto organizava e revisava aquele acervo. (2018, p. 41)

Decerto, Eusébio teve uma boa educação filosófica, bíblica e teológica. Porém, se tornou um erudito cristão devido a sua vasta leitura e conhecimentos adquiridos durante a vida, como nos é evidenciado por Schaff (1893, p.9).

From Eusebius' works we gather that he must have received an extensive education both in secular philosophy and in Biblical and theological science. Although his immense erudition was doubtless the result of wide and varied reading continued throughout life, it is highly probable that he acquired the taste for such reading in his youth.⁶

Além disso, o bispo palestino em se tratando de doutrina cristológica, era admirador e seguidor do arianismo e contrário ao credo niceno. De acordo

⁶ Tradução: Das obras de Eusébio, concluímos que ele deve ter recebido uma extensa educação tanto na filosofia secular quanto na ciência bíblica e teológica. Embora sua imensa erudição foi sem dúvida o resultado de uma leitura ampla e variada, continuada ao longo da vida, é altamente provável que ele tenha adquirido o gosto por essa leitura em sua juventude. (Schaff, [18--], p.9)

com Coelho (2020, p.94) o “cristianismo niceno é a (corrente pregada pelo bispo Alexandre que visava a consubstancialidade entre o pai e o filho) e o cristianismo ariano⁷ (que pregava a hierarquia entre pai e filho)”. Eusébio defendia ferrenhamente o credo ariano até o concílio de Nicéia em 325 onde teria mudado de ideia com relação ao credo, porém, esse assunto será abordado com mais profundidade no segundo capítulo desse trabalho. Entretanto, de acordo com Silva (2015, p.82).

O bispo cesareno teve uma vida longa, repleta de emoções, diria um leitor contemporâneo: de sua infância até a consolidação de sua *Paideia*, viveu um período sem atividades pessoais de grande relevância; do final do terceiro século até a vitória de Constantino sobre Licínio, em 324 d.C., passou por períodos intermitentes de tranquilidade, entremeados pela agonia relacionada com os períodos de perseguição, no início do século IV d.C. e por controvérsias eclesiais, na década de 320 d.C. Para além desta condição conflituosa dentro da Palestina, na Antiguidade Tardia, Eusébio ainda precisou enfrentar outros problemas: sobrepôr o cristianismo aos demais grupos étnico-culturais locais, para colocá-lo como representante não só dos cristãos, mas também de toda a cidade.

Os relatos nos levam a crer que Eusébio teria dedicado boa parte de sua vida a construção de discursos apologéticos e panegiristas com isso acreditamos que buscava estabelecer uma relação de proximidade com Imperador Constantino I para projetar o fortalecimento do cristianismo no Império Romano e, assim se constitui enquanto “líder” da religião cristã. No entanto, “(...) há poucos detalhes na historiografia que o sucede. O máximo que sabemos é que foi em 339, dois anos após a morte de Constantino e pouco antes da morte de Constantino II, que teria ocorrido no mesmo ano ou, o mais tardar, em 340” (MIGLIORE, 2005, p. 9, Apud RAMALHO, 2018, p. 45).

⁷ O arianismo é uma corrente cristológica que foi pregada por Ário e disseminada pelos seus seguidores, o cristianismo ariano considera que Jesus Cristo e Deus são divindades diferentes, isto é, não são feitos da mesma substância. Contudo, a título de curiosidade, a única religião que segue esse cristianismo no Brasil são os testemunhos de Jeová.

2.2 A historiografia e a conversão do Imperador Constantino

O século IV d.C. é marcado por inúmeras mudanças e transformações no Império Romano, nesse contexto, tanto a política imperial como a religião cristã passavam por instabilidade. Os cristãos sofriam com perseguições e perderam seus bens, no entanto, essa realidade começa a ser modificada com o surgimento do Imperador César Flávio Valério Constantino⁸ (306-337) que assume um posicionamento pró-cristão e torna-se protagonista das narrativas cristãs. Constantino, após assumir o lugar do seu pai, Constâncio Cloro⁹, enfrentou inúmeras batalhas e guerras para que se mantivesse no poder (COELHO, 2020, p. 89).

Sabemos que no início do século IV, a política no Império Romano estava dividida entre quatro Imperadores: Constantino, Licínio, Maxêncio e Maximino. No entanto, esse cenário começou a mudar após a disputa travada pela supremacia do Império Romano do Ocidente entre Constantino, que até então era César das Gálias, e Maxêncio que era o soberano das províncias da Itália e da África por volta do ano de 312, em Roma (DELLA TORRE, 2008, p. 1). Essa poderia ser apenas mais uma das disputas por poder entre outras que ocorriam nesse contexto, porém, segundo a historiografia eclesiástica é nesse momento que se observa o primeiro Imperador a se converter ao cristianismo.

⁸ Valério Flávio Constantino era fruto da união entre Constâncio e Flávia Helena, filha de um taberneiro. Ambos eram pagãos. Helena era, possivelmente, concubina de Constâncio, o que em seu caso não se configurava como uma humilhação, uma vez que a lei romana, os governadores e os superiores dos lugares-tenentes não estavam autorizados a concluir *iustum matrimonium* com mulheres camponesas. Quando foi nomeado César por Dioclesiano, Constâncio foi obrigado a repudiar Helena e casar-se com Teodora, filha do Imperador Maximiano, com quem teve dois filhos e três filhas. (RAIMUNDO, 2013 p. 53).

⁹ Após pequeno intervalo, o Imperador Constâncio que, durante toda a vida, tivera para com seus súditos disposições mais suaves e benignas, e para com a doutrina cristã sentimentos mais amigáveis, deixou para substituí-lo o próprio filho Constantino, como Imperador e Augusto; e terminou a vida, conforme a lei comum da natureza. Foi o primeiro dos Imperadores a ser por eles colocado entre os deuses, com as honras póstumas que se prestavam a um Imperador, pois fora o mais elemento e suave dos Imperadores. (...) Seu filho, Constantino, tendo sido logo proclamado Imperador absoluto e Augusto pelos soldados e ainda bem antes deles, pelo próprio Deus, o Rei supremo, mostrou-se zeloso sucessor da piedade paterna para com nossa religião. Assim era ele. (H.E. VIII. XIII. XII-XIV. p. 422).

Segundo o biógrafo, antes da batalha da ponte Mílvio, Constantino teve uma visão à tarde e ordenou pintar nos escudos de suas tropas um símbolo cristão. O símbolo teria surgido no céu, acompanhado da inscrição *in hoc signus vinces* (com esse sinal vencerás) e por esse motivo, ao entrar em Roma, declarou ter sido guiado pelo deus cristão. Esse momento da vida de Constantino é citado por Eusébio de Cesareia nas duas obras e também por Lactâncio – Sobre a morte dos perseguidores – retórico cristão, que afirma que a visão aconteceu durante o sono. Foi um momento histórico tanto para o Império, quanto para o Cristianismo, que havia sofrido as sangrentas perseguições ordenadas por Valeriano e Diocleciano. (RAIMUNDO, 2013 p. 55)

Veyne, também menciona o famoso episódio da conversão de Constantino, que fora narrado por Eusébio, que teria ocorrido um pouco antes da batalha entre Constantino e Maxêncio, na Ponte Mílvio, às margens do rio Tibre. O exército de Maxêncio foi esmagado e morto pelas tropas de Constantino, os escudos e os capacetes dos soldados de Constantino traziam um símbolo que fora revelado ao Imperador em sonho, na véspera da batalha, o símbolo composto pelas letras gregas “X” e “P”, sobrepostas e cruzadas formando o nome de cristo, que posteriormente iria ser chamado de “crisma”, presente até os dias hodiernos na igreja católica. (VEYNE, 2007, p.9-11-12)

Podemos considerar, que os sonhos desde a antiguidade eram reveladores de muitos fatos e acontecimentos, bem como era através dos sonhos que os antigos diziam ser por onde as divindades instruam os homens a fazer grandes coisas. Muitos episódios da história foram descritos por sonhos ou revelações divinas, para referendar o ponto de vista dos cristãos sobre o processo de conversão de Constantino, porém, essa narrativa não foi reproduzida por autores não cristãos e até mesmo cristãos de épocas posteriores.

O Bispo Eusébio de Cesareia, para legitimar a vitória de Constantino sobre Maxêncio estabelece uma comparação com os tempos de Moisés e dos hebreus quando diz “os carros do Faraó e suas tropas, ao mar Deus lançou; a elite dos seus cavaleiros e chefes, o mar vermelho devorou, o abismo os recobriu” (Ex 15.4-5), assim como Maxêncio e os hoplitas e lanceiros de seu exército que afundaram “caíram no fundo, como pedra” (Ex

15.5) quando, virando as costas para o exército, que vinha de Deus que estava do lado de Constantino, atravessou o rio que diante de ti, fizeste um instrumento de piedade e construiu uma ponte por meio de barcas, formado o elemento destruidor de si mesmo. (H.E. IX. IX. V. p. 451)

Há diversos debates travados entre os estudiosos sobre a sinceridade de Constantino, trazer essas discussões aqui é um dos pontos principais dessa pesquisa. Ademais, para Veyne não existe mais controvérsia sobre o tema. Tendo em vista que, Constantino se converteu de fato à religião cristã. Além disso, acredita que, a sua simpatia anterior ao culto do Sol Invicto, não interferiu em nada na sua crença cristã (2007, p.14). Mostraremos no decorrer desse trabalho que o tema da conversão de Constantino ainda divide as opiniões dos historiadores, além de ser bastante problemático.

No entanto, muitos historiadores acreditam que o Imperador Constantino não se converteu na fé de Cristo ou se o fez foi apenas no final de sua vida, pois era adepto convicto do culto solar ou até mesmo de um monoteísmo filosófico desabitado. Além do mais, não possuía nenhuma preferência pelo cristianismo, a sua benevolência para com a fé cristã era inspirada por seus interesses em obter apoio dos fieis para seus projetos políticos. (DELLA TORRE, 2011, p. 30). Ademais, como nos corrobora Coelho (2020, p. 90)

Além disso, muitos são os debates historiográficos sobre os motivos que levaram Constantino a se converter ao cristianismo, autores como Arnold Jones (1948) e outros, citados por Della Torre (2011, p. 28) “defendiam que Constantino não só se convertera ao cristianismo como também era um cristão sincero, sem qualquer reminiscência pagã.” Isto é, eles acreditavam que Constantino se converteu unicamente porque tinha fé e acreditava na religião de Cristo. Porém, o autor Jacob Burckhardt (1949) mencionado por Della Torre (2011, p. 30) “acreditava que as motivações de Constantino para auxiliar os cristãos e participar de suas controvérsias eclesiais não surgiam de sua piedade religiosa, mas de sua ambição política. (...) Existem várias correntes historiográficas que pensam Constantino como um Cristão sincero pela piedade e vantagens dadas aos cristãos, bem como as que o veem como um estrategista político e ambicioso que visa à manutenção do poder imperial em suas mãos. Porém, penso que não podemos pensar o Imperador Constantino dentro de um conceito reducionista ao optar integralmente por uma ou outra vertente historiográfica.

Ademais, Della Torre (2011, p. 30) citar Burckhardt que é um exemplo de autor que pensa Constantino como um homem sem religião de natureza, por isso era movido apenas por ambições políticas, sem nenhum escrúpulo de se passar por adepto da fé cristã, para conseguir vantagens e apoio dos cristãos na sua luta contra seus oponentes pelo poder imperial. Por outro lado, Schwartz ressalta que Constantino teria submetido o cristianismo aos desejos da política romana, direcionando as decisões clericais para que elas suscitasse a política e suas ambições para o Império. (BURCKHARDT, 1949, p. 292-296. Apud DELLA TORRE, 2011 p.30). Não obstante:

Burckhardt, é claro, defendia que Eusébio inventou todo aquele enredo, tanto da visão da cruz como do triunfo sobre Maxêncio na Ponte Mílvia. Mas, entendemos que o bispo cristão, mais que inventar um cenário, um enredo e uma imagem heróica de um imperador convertido à verdadeira fé, como a caracterizava o próprio Eusébio, inventou por meio da sua escrita uma tradição político-religiosa que permanece forte e protegida pela ortodoxia cristã até os nossos dias. Não que haja uma continuidade da História, mas um processo de longuíssima duração, além de efeitos notáveis e ainda presentes nas estruturas de poder. (RAMALHO, 2015, p. 50-51).

Há teses, que acreditam que Licínio era o verdadeiro Imperador que favorecia os cristãos, ao contrário do seu rival Constantino governador das províncias orientais de 313 e 324. Como é o caso do historiador belga Grégoire que também acreditava que o “edito” fora publicado por iniciativa de Licínio e não de Constantino. No mais, “Com base nessa conclusão, Grégoire pôde afirmar que Constantino não estava interessado em favorecer os cristãos, mas que só fez isso quando percebeu o sucesso dessa iniciativa na parte oriental do Império” (DELLA TORRE, 2011 p.31).

Paul Veyne, cita J. B. Bury um historiador inglês que discorre “que a revolução religiosa feita por Constantino em 312 foi talvez o ato mais audacioso alguma vez levado a cabo por um autocrata, desafiando e desprezando o que pensava a grande maioria dos seus súbditos” (2007, p.9). Nesse momento, Veyne legitima seu posicionamento de perceber Constantino como um converso sincero, tendo em vista que o cristianismo é

apenas uma das religiões existentes no Império. Não obstante, “(...) alcançou pois os seus propósitos: o trono romano tornou -se cristão e a Igreja transformou –se numa potência. Sem Constantino, o cristianismo teria permanecido uma seita de vanguarda.” (VEYNE, 2007, p.11). Logo:

O motivo da conversão de Constantino é simples, diz-me Hélène Monsacré: aquele que queria ser um grande imperador carecia de um deus grande. Um Deus gigantesco e amante que se apaixonava pela humanidade despertava sentimentos mais fortes do que a grei dos deuses do paganismo, que viviam só para si; este Deus desenrolava um plano não menos gigantesco para a salvação eterna da humanidade; imiscuía -se na vida dos seus fiéis, exigindo deles uma moral estrita. (VEYNE, 2007, p.22)

Para Marvillia (2007, p. 116), a conversão do Imperador Constantino passa por uma instrumentalização, com valores cristãos e concepções divinas pagãs helenísticas que dizem respeito a figura do Imperador, levando em conta, que ele deixa de ser apenas um protegido de Deus, para passar a ser visto como mais importante e distinto agente de Deus. Certamente, boa parte desse discurso é proferido por Eusébio de Cesareia como forma de reflexão política, como nos mostra Marvillia (2007, p. 17-116-117).

A ideia de ressaltar a correlação entre a *Pax Romana* e a mensagem cristã já se havia tornado a mola mestra das reflexões políticas de Eusébio, bispo de Cesareia, na Palestina, herdeiro da biblioteca e das convicções de seu mestre e amigo Pânfilo, martirizado em 310, nos estertores da perseguição movida pelos tetrarcas. (...) A “conversão” de Constantino, porém, tornou-se o ponto de convergência das teorias políticas do Império com as concepções religiosas da Igreja, o que permitiu o surgimento de uma versão da *basileia* de características determinadamente cristãs, da qual Eusébio de Cesareia foi o primeiro teórico.

Decerto, Constantino exerceu um papel importante na aproximação entre as instâncias de poder imperial e o cristianismo. Além do mais, muitos estudiosos da literatura cristã, acreditam que a vitória de Constantino sobre Maxêncio marcou a conversão do Imperador. Ademais, Veyne descreve Constantino: “Na minha opinião, um homem que pensava à grande; a sua

conversão permitia-lhe participar no que ele tinha por uma epopeia sobrenatural, tomar a sua direcção e assegurar assim a salvação da humanidade. (...)” (2007, p.10).

Segundo Veyne, Constantino após a famosa “visão da cruz” e a morte de seu inimigo Maxêncio estabeleceu uma política pró-cristã, onde não apenas estabeleceu a paz a igreja de cristo, como também devolveu a liberdade, decretou leis que favoreciam e outorgou-lhe riquezas e privilégios. É importante que percebamos que havia outras questões para Constantino e para a igreja no século IV do que apenas a conversão e o uso político da fé cristã.

Sob a ótica da literatura cristã, esse registro teria provocado uma grande transformação no Império, tendo em vista que a vitória de Constantino sobre Maxêncio, tal como havia sido previsto por esta espécie de revelação, foi concebida por boa parte da historiografia como o momento da conversão do Imperador Constantino a fé cristã (DELLA TORRE, 2008, p. 1).

Outrossim, ao se tornar o único Imperador Romano do Ocidente, Constantino mudou consideravelmente a vida dos cristãos e de todos que estavam sendo perseguidos, ou seja, a partir desse acontecimento o príncipe aprovou leis que beneficiavam os cristãos que estavam sofrendo com as perseguições. Na medida em que as mudanças advindas da suposta conversão do Imperador ocorriam, o poder imperial se consolidava nas mãos de Constantino ao tempo em que o cristianismo ganha força e ascende dentro do Império Romano.

Para Raimundo (2013, p. 58-59) a conversão do príncipe Augusto estabelece relação com o contexto de crise institucional romana tardo-antiga. Concordamos que Constantino tinha muitos interesses para deliberar uma política pró-cristã, por exemplo, as relações diplomáticas com os grupos religiosos que circulavam pelo o Império Romano e estratégias políticas para unificação do Império sob seu comando.

Por essa razão, acreditamos que o príncipe percebeu no cristianismo um mecanismo fundamental para conquistar a unificação do Império Romano em suas mãos, talvez essa seja a resposta para o questionamento

sobre o que Constantino teria visto no cristianismo, que nesse contexto, não tinha um grande percentual de adeptos no Império.

Constantino era um homem de ação e como tal, abraçou a oportunidade política que se abria a ele através da doutrina cristã, representá-la e torná-la uma religião com papel predominante no Império, tornou-o um líder diferente, “o primeiro Imperador cristão”. Ao mesmo tempo, à medida que conquistava espaços, adeptos e liberdade de atuação, o cristianismo passava a ser uma visão de mundo em condições de exercer influência sobre a população do Império. (RAIMUNDO, 2013 p. 59-60).

As narrativas literárias que tratam da suposta conversão de Constantino, exercem influência dentro do espaço em que a religião cristã se tornaria uma das maiores instituições sociais do Império. Esse acontecimento não configura um contraste com os princípios cristãos professados nos dias hodiernos, pois essencialmente, a suposta conversão do Imperador tem como base nortear os valores da sociedade de acordo com as convicções cristãs. Ademais, é importante ressaltar que:

Nesse contexto, a conversão de Constantino — ainda hoje uma questão aberta — não pode ser superestimada e deve ser investigada sob a ótica dos subterfúgios políticos de que ele faz uso para pavimentar a estrada de uma “monarquia mundial”. No entanto, pelo mesmo motivo, a conversão também não deve ser subestimada, uma vez que, seja hierofania, produto da fé ou estratagem, a divulgação e consolidação da ideia de um Imperador autorizado diretamente pela divindade — a qual suspende as leis da natureza para externar seus desejos e instruções — trará, para o Império e seus habitantes, conseqüências que se estenderão até os nossos dias. (MARVILLA, 2007, p. 86-87).

Concordamos, que as convicções religiosas do Imperador Constantino, independentemente de sinceras ou não, exerceram influência na forma como o príncipe Augusto passou a tratar os cristãos. Tendo em vista que a legislação do Império refletia a relação de proximidade e favorecimento com o cristianismo. Ademais, “Para o historiador francês (Veyne), a conversão é uma categoria de caráter teológico. Portanto, cabe aos teólogos defendê-la, não aos historiadores. “(RAMALHO, 2015, p. 50).

Entendemos que, defendendo ou não a conversão, não podemos deixar de dar ênfase a esse evento, mesmo que tenha sido registrado somente na literatura cristã, pois é a partir desse marco que se desenrolou uma série de questões religiosas e políticas no Império Romano e que com suas devidas transformações permeiam os dias hodiernos. Logo, o nosso estudo tem como objetivo principal compreender como a relação entre o bispo Eusébio de Cesareia e o Imperador Constantino I contribuiu para a construção da narrativa sobre a cristianização do referido Imperador Romano. Para isso faz-se necessário que estudemos a suposta conversão do príncipe. Além disso, Della torre ressalta que:

Concordo com a historiografia que vê em Constantino um converso sincero, mas não acredito que apenas isso sirva de explicação para a compreensão do novo papel que a Igreja passa a ocupar no mundo romano a partir do século IV. O favorecimento constantiniano à Igreja deve ser entendido na relação de interação entre imperador e bispos construída ao longo dos anos, não em um mero ato de vontade de um soberano que podia ser suprimido com facilidade por seus sucessores. (2011 p.31).

Como exposto, Della Torre se posiciona com relação a conversão do Imperador, porém, discorre que somente a sinceridade de Constantino enquanto as suas convicções religiosas não bastam para compreender o encargo social ocupado pelo cristianismo no Império Romano no século IV. Por essa razão, entendemos que é um assunto que não se esgota nessa pesquisa, não que essa seja a nossa intenção, pois sabemos que se tratando de história sempre é possível haver novas possibilidades e novas formas de pensar e entender história.

Ademais, podemos destacar que a experiência de revelação divina vivida por Constantino em 312 é descrita na obra *Vida de Constantino* de Eusébio de Cesareia, enquanto existe uma omissão na *História Eclesiástica* outra obra do mesmo autor. Contudo, sabemos que Eusébio, escritor cristão, utiliza suas narrativas para gerar uma aproximação entre as instâncias política e religiosa na antiguidade tardia. No entanto, omitir na *História Eclesiástica* (que certamente é uma das mais importantes obras escritas

pelo bispo cesareno) a suposta conversão de Constantino ao cristianismo é bem controverso.

Entretanto, esse fato é no mínimo contestável por diversos motivos entre eles podemos enfatizar o seguinte, se a conversão realmente aconteceu, por que Eusébio não descreveu na sua obra mais importante? Por outro lado, por que Eusébio que indubitavelmente era um dos mais interessados em ressaltar a relação entre o cristianismo e Constantino não mencionou esse fato na obra que deu ao mesmo o título de “pai da história eclesiástica”?

Muitos são os questionamentos sobre o assunto, mas não buscamos aqui apresentar resposta prontas e acabadas, mas sim mostrar caminhos e indagações que explore as intencionalidades e objetivos deste bispo cristão em propagar, à sua maneira, a conversão ao cristianismo de um Imperador Romano.

Ademais o que temos de concreto é que Eusébio e Constantino aproximam o cristianismo das estruturas imperiais, o primeiro partindo das narrativas e os segundo da promulgação de leis favoráveis aos cristãos. A relação de ambos mudou os rumos da vida política e religiosa do Império Romano.

A conduta ambígua e voluntariamente omitida de Constantino nos chama atenção. Além de Veyne, Peter Brown também acredita na sinceridade da conversão de Constantino, apesar de ter ordenado a execução de um de seus filhos, crispo, e uma de suas mulheres, Fausta. São essas omissões voluntárias de Eusébio que, somadas à exacerbação da negatividade da conduta dos demais imperadores, contrários ao cristianismo, em nossa opinião, compõem o centro da didática eusebiana para a elaboração da identidade cristã do período tardo imperial. (MEDEIROS, 2012, p.53).

No entanto, não podemos negar que havia muitos interesses que permeavam a relação político-religiosa no século IV. Constantino, apesar de suas convicções religiosas confusas percebeu nas comunidades cristãs uma força (que provavelmente era fundada na fé em Cristo, bem como nos interesses das autoridades religiosas em sobrepôr o cristianismo as demais

religiões) e entendeu que seria mais útil agregar essa futura potência a sua política do que ir contra, levando em consideração que outros líderes imperiais já haviam tentado e não obtiveram êxito. Com isso, o príncipe Augusto estabelece no Império uma política de consenso entre as religiões, como nos mostra Veyne (2007, p.14).

Com a vitória de 312, o discurso “religioso” do poder sofrera, pois, uma mudança plena. No entanto, Constantino não pretendia, nunca pretenderá, e também não os seus sucessores, impor aos seus súbditos pela força a nova fé. O cristianismo era ainda menos, aos seus olhos, uma “ideologia” para inculcar nos povos por cálculo político (voltaremos *in fine* a esta explicação aparentemente profunda, que emerge, de forma espontânea, no espírito de muitos de entre nós). (...) O cristianismo tinha doravante, por carreira, o imenso império que era o centro do mundo e que se considerava como co-extensivo à civilização. Acabava de nascer o que, durante longos séculos, se chamará o Império cristão, a Cristandade. Constantino apressou –se a tranquilizar os seus novos súbditos e a prometer-lhes, invertendo os termos de 312, que os pagãos do Oriente seriam tratados em pé de igualdade com os cristãos.

Entendemos, que Constantino era um exímio estrategista político e agia de forma lúcida, mas isso não exclui as suas convicções religiosas. No entanto, muitos historiadores utilizam o fato de o Imperador provavelmente ter se batizado apenas no final da vida como prova da não conversão na fé de cristo, porém, a *História Eclesiástica* (VII. II.III. p. 343-344) nos mostra que um bispo da cidade de Roma chamado Estêvão defendia o batismo para aqueles que se convertiam de qualquer heresia, entretanto, o que vigorava era um costume antigo de uma oração feita com a imposição das mãos, logo a maioria dos bispos daquele tempo, acreditavam ser licito acolher em batismo apenas aqueles que fossem purificados de seus erros. Esse posicionamento sobre o batismo presente na *História Eclesiástica* talvez explique a questão do batismo tardio de Constantino.

Partimos do pressuposto de que o Imperador pode ter se mantido convicto da relevância dos preceitos cristãos, exercitando sua fé a partir das narrativas cristãs, sem desconsiderar interesses e objetivos políticos inerentes à sua posição social, tal como a unificação político-administrativa

do Império e a minimização de movimentos contestatórios à ordem social. Constantino, a nosso ver, foi um grande estrategista político e por que não dizer religioso, tendo em vista que durante seu governo incentivou a política de tolerância entre as religiões no Império Romano, o que trouxe inúmeras vantagens para si e para a sociedade.

Dito isso, Raimundo (2013, p. 50-51) nos evidencia que Constantino e as comunidades cristãs tinham muitas coisas para oferecer um ao outro, independentemente de ser de forma consciente ou não. Além disso, é importante perceber que o objetivo de Constantino era solucionar os problemas do Império para que pudesse governar com tranquilidade e querendo ou não o fortalecimento do cristianismo pode ter passado por esse aspecto. Logo, as atitudes de Constantino podem ser comparadas com a de seu antecessor Diocleciano – que buscou o fortalecimento do paganismo como resolução de problemas, enquanto, Constantino o fez voltando-se para o cristianismo.

Certamente, Constantino continua se apresentando como uma figura histórica enigmática, principalmente no que tange sua relação com o cristianismo. Sucessivas gerações de historiadores se depararam com indagações sobre sua vida e sua conversão, suas ações e motivações; poucos se atreveram a tentar respondê-las de forma conclusiva e mesmo os que tentaram não o fizeram de maneira satisfatória, de modo que as questões continuam em aberto e são alvos frequentes de discussões. (RAIMUNDO, 2013 p. 56).

Por essa razão, devemos ir além de questionar a convicção sincera de Constantino em aderir um favorecimento ao cristianismo, mas devemos perceber as vantagens que ambos oferecem. Constantino precisava de um elemento que possibilitasse a coesão do Império em suas mãos e provavelmente apercebe a sociabilidade do cristianismo. Porém, naquele contexto, apesar do número crescente, o cristianismo não possuía um papel dominante no meio social e nem tão pouco tinha muita atenção do Império, isto é, “permanecia como uma seita de vanguarda”. O Imperador Constantino pode ter aproveitado o cristianismo como força política, assim foi com ajudar do príncipe Augusto que a igreja ganhou mais visibilidade e se tornou uma grande potência. (RAIMUNDO, 2013, p. 57).

Decerto, ainda é difícil para muitos historiadores assumir um posicionamento claro e definitivo com relação a conversão do Imperador Constantino, tendo em vista que é um assunto problemático. No entanto, até o momento da escrita desse trabalho não é do nosso conhecimento que exista alguma fonte do próprio imperador Constantino ou de um escritor pagão que relate o acontecimento, o que temos são as literaturas cristãs que evidenciam tal fato. Contudo, o que podemos afirmar é que a suposta conversão pode ser concebida como um marco, para a compreensão do desenrolar das questões político-religiosas no século IV.

3. RELAÇÕES DE PODER ENTRE BISPOS E IMPERADORES NA ANTIGUIDADE TARDIA: DISCUSSÕES HISTORIOGRÁFICAS.

Nesse capítulo procuraremos abordar, questões que refletem as relações de poder estabelecidas entre eclesiásticos e Constantino o grande, primeiro Imperador a desenvolver uma política pro-cristã no mundo tardo-antigo. Buscaremos mostrar, a partir dos estudos sobre o Bispo Eusébio de Cesareia e o Imperador Constantino I, as estratégias discursivas de Eusébio para convencer os Imperadores que os cristãos não representam uma ameaça ao poder imperial, bem como as benesses repassadas aos cristãos após a promulgação do edito de Milão, além de evidenciar as influências de Eusébio e Constantino na definição de um tipo de cristianismo no concílio de Niceia.

3.1 As redes de contato entre líderes religiosos e líderes políticos na constituição de projetos de poder.

As perseguições aos cristãos nos quatro primeiros séculos da nossa era, não há dúvida, se tornou uma realidade que envolvia muitos

acontecimentos. Podemos dizer, com os devidos cuidados para não cometer o erro do anacronismo que nos dias atuais o que chamamos de intolerância religiosa estava muito presente no Império Romano, principalmente contra as comunidades cristãs. No entanto, muitas são as teorias de como e por que teria se dado tais perseguições¹⁰, porém, o nosso objetivo nesse estudo é compreender como se deu as relações de poder entre instâncias religiosas e políticas a partir de estudos sobre o Bispo Eusébio de Cesareia e o Imperador Constantino I, no contexto do século IV d. C.

Nesse momento, é necessário compreender as circunstâncias históricas das perseguições que antecederam a política pró-cristã de Constantino, quem nos auxilia nesse sentido é Silva:

Os cristãos eram, inicialmente, identificados pela população pagã como algo diferente dentro dos traços fundamentais da cultura greco-romana, pessoas que embora falassem o mesmo idioma, possuísem as mesmas categorias culturais performavam ritos abomináveis, cultuavam um Deus que não pertencia a um povo, e que, por sua vez, consideravam como único e supremo. Neste contexto, o fator fundamental que levou às ondas persecutórias foi a manutenção da *pax deorum*¹¹, que não podia ser rompida por este grupo “diferente”. Por conseguinte, os cristãos foram perseguidos por suas diferentes formas de culto, que se contrapunham às características gerais da religiosidade greco-romana, e que, por sua vez, colocavam em risco a relação entre o Império Romano e os deuses. Para a população imperial e, posteriormente, para os imperadores apresentava-se a necessidade de expurgar este grupo de pessoas que punham em risco a segurança da coletividade. (2011, p. 41)

O cenário de perseguições possibilitou o estabelecimento de relações de poder, ou seja, redes de contato entre líderes religiosos e líderes políticos para forjar estruturas de poder, pois, como nos corrobora Foucault (1979) o indivíduo é um resultado do poder e também um núcleo de transformação e filtro de poder. Não obstante, em se tratando da relação de Constantino com

¹⁰ Mais informações sobre as perseguições aos cristãos podem ser encontradas na *História Eclesiástica, Vida de Constantino* de Eusébio de Cesaréia e em SILVA. As perseguições aos cristãos no Império Romano (séc. I-IV): dois modelos de apreensão. *Revista Jesus Histórico*, v. 7, p. 29-44, 2011.

¹¹ A “paz dos Deuses”

os bispos, pelo que nos consta, teria iniciado em 312, ano da suposta conversão do Imperador ao cristianismo e da batalha do príncipe Augusto contra Maxêncio. De acordo com Veyne (2007, p.12)

E no dia seguinte, a 29, Constantino, à frente das suas tropas, fazia a sua entrada solene em Roma pela Via Lata, que é o actual curso. É na data de 29 de outubro de 312 (e não na do pretense “édito de Milão” em 313) que se pode situar o marco-fronteira entre a antiguidade pagã e a época cristã. Não nos enganemos: o papel histórico de Constantino não será pôr fim às perseguições (havia cessado há dois anos, tendo o cristianismo sido reconhecido lícito, juntamente com o paganismo), mas fazer do cristianismo, a religião que adoptara, uma religião favorecida de todas as maneiras, ao contrário do paganismo.

Na introdução da obra a *História Eclesiástica* (p.12) Frangiotti menciona que o Bispo Eusébio de Cesareia teria gerado uma aproximação dele mesmo com o Imperador Constantino I e que por isso teria desenvolvido a ideia de “império cristão”¹², ou seja, é nesse momento que o bispo recebe um apoio importante do estado. “Por outro lado, há quem afirme a possibilidade de Eusébio e Constantino terem-se encontrado no máximo duas ou três vezes.” (RAMALHO, 2015, p. 48). Ademais, “a nova relação entre igreja e império então idealizada é com frequência descrita pela historiografia como constituinte de um império cristão” (DELLA TORRE, 2011, p.15).

No entanto, a relação político-religiosa se tornou mais evidente, por volta de fevereiro de 313, momento no qual, os Imperadores Constantino Augusto e Licínio Augusto se reúnem em Nicomédia para tratar sobre questões referente as políticas a serem adotadas a respeito dos cristãos e celebrar a união de Licínio com a irmã do príncipe Augusto do Ocidente. (FRANGIOTTI, 2000, p. 491). “Esse encontro entre os Imperadores deu origem ao Edito de Milão documento reproduzido por Eusébio de Cesareia

¹² Termo problemático que divide opiniões, entendemos que houve um processo de cristianização, tanto do imperador como do império. No entanto, algo dessa natureza não acontece do dia para noite, ou seja, para muitos historiadores este é um termo inadequado, pelo menos, até Teodósio, com a oficialização do cristianismo.

para testemunhar e incentivar política pró-cristã.” (COELHO,2020, p. 91).

Como podemos notar:

Em seguida a esses acontecimentos, o próprio Constantino, e com ele Licínio, cuja mente ainda não se alterara, nem incidira na subsequente loucura, obtiveram a propiciação da parte de Deus, o autor de sua prosperidade. Ambos, com uma só vontade e parecer, promulgaram uma lei absolutamente favorável aos cristãos. E enviaram a narrativa das maravilhas realizadas por Deus em seu favor e da vitória obtida contra o tirano, bem como o teor da lei a Maximino, que ainda governava os povos do Oriente e que fingia hipocritamente ter-lhes amizade. (H.E. IX.IX.XII. p. 453).

Decerto, não foram poucos os esforços literários do bispo palestino para gerar uma aproximação entre os Imperadores e o cristianismo. Podemos dizer que, Eusébio de Cesareia em suas obras, demonstrou aos Imperadores que os cristãos não se opunham ao poder imperial como se pensara até então. É nesse momento, que o bispo cesareno desenvolve uma narrativa que integrava o poder imperial a crença cristã, isto é, demonstrar o triunfo do cristianismo juntamente com o do poder imperial exercido a priori por Constantino e Licínio.

Ademais, nos escritos de Eusébio (H.E. IX. IX. II. p. 450) Constantino foi o pioneiro entre os Imperadores a ter compaixão dos cristãos, que sofriam com a tirania em Roma. Sendo provido de dignidade e ordem, invocava em suas orações, o Deus dos cristãos, como aliado. Não obstante, com a ajuda do salvador, Jesus Cristo, progrediu juntamente com seu exército, garantindo ao povo romano a tão sonhada liberdade. Como nos evidencia o próprio Eusébio:

Foi certamente desta forma que o rei soberano, Deus do universo e Salvador, contra tiranos muito ímpios, suscitou Constantino, a respeito do qual mais acima afirmamos que foi Imperador, filho de Imperador, piedoso, oriundo de pai piíssimo e sapientíssimo (e Licínio, segundo depois dele, ambos assinalados pela inteligência e piedade). Tendo eles disposto as tropas de acordo com as normas bélicas, Deus combateu a seu lado, de forma extraordinária. De um lado, em Roma, Maxêncio caiu sob Constantino; de outro, no oriente, Maximino não lhe sobreviveu muito tempo, pois sucumbiu

também ele de morte ignominiosa sob golpes de Licínio, então ainda não atacado de demência. (H.E. IX.IX.I. p. 449-450).

O Imperador Constantino, teria sido um dos primeiros a ser convencido pelo discurso Eusebiano de que o cristianismo não era uma ameaça ao poder Imperial. A partir desse processo de convencimento, os cristãos passaram de perseguidos a privilegiados dentro do Império Romano. Entendemos, que Eusébio descreve em suas narrativas um discurso articulado com base em seus interesses, logo, percebemos como nos evidencia Foucault que a produção do discurso na sociedade é feita de forma controlada, organizada e selecionada, além de ser compartilhado por meio de mecanismos com encargos sociais de poder e dominação (1970, p. 8-9).

Por outro lado, existe uma corrente historiográfica que se opõe à ideia de que princípios religiosos tenham norteados a política de Constantino com relação à Igreja. Esta questiona não só o interesse político do imperador em favorecer um grupo religioso cada vez mais importante no Império justamente em um momento de crise política como também o próprio comprometimento do imperador com a fé cristã. (DELLA TORRE, 2011 p.29).

Dito isso, na *História Eclesiástica* (X. V. IV. p. 492) o bispo sinaliza que os Imperadores Constantino Augusto e Licínio Augusto criam uma espécie de lei (edito de Milão) que permite a livre escolha da religião que desejasse seguir, tendo como condição que os imperadores possam dispor da benevolência e cuidado da divindade, bem como os seus subordinados. Indubitavelmente, com o rescrito (edito de Milão) os cidadãos do Império Romano conquistaram o poder de escolha e de prática da religião que mais lhe agradece. Com essa atitude os Imperadores criaram uma liberdade religiosa que não diminuía quaisquer ritos ou celebrações religiosas. (H.E.X.V. VIII. p. 493). Além disso, de acordo com Eusébio de Cesareia:

Em tudo isso, emprega o zelo mais eficaz para com a dita corporação cristã, a fim de que se cumpra o nosso mandamento o mais rapidamente possível, e também nesta questão, graças a nossa benevolência, se dê provisão à paz

comum e pública. (...) e a fim de que os termos da presente lei e de nossa generosidade possam chegar ao conhecimento de todos, importa que o que escrevemos seja afixado por sua ordem, e em todos os lugares publicado para informação geral, de tal sorte que ninguém ignore a lei proveniente de nossa generosidade. (H.E.X.V.XII-XIV. p. 494).

É nesse contexto que Constantino vai repassar através de uma carta instruções formais para a restituição dos bens que foram apreendidos da igreja católica dos cristãos, com essa atitude do Imperador as propriedades eclesiásticas se expandiram rapidamente para o proveito das lideranças eclesiásticas. (H.E.X.V.XVI. p. 495). Essa narrativa nos permite perceber que a relação entre a política e a religião na antiguidade tardia está repleta de vários interesses tanto particular como coletivos. Além disso, segundo Veyne “Graças a ele, a lenta, mas completa cristianização do Império pode começar; a Igreja, de “seita” proibida que fora, era agora mais do que uma seita lícita: estava instalada no Estado e acabará, um dia, por suplantar o paganismo (...)” (2007, p.21).

Dessa forma, compreendemos que foi no século IV d.C. que a relação entre cristãos, bispos e imperadores se intensificou e solidificou. Principalmente a partir da conversão do príncipe Augusto ao cristianismo, segundo a literatura cristã, fato que testemunha a relação entre política e religião no medievo. Na realidade, os cristãos eram objeto de perseguições até o governo de Constantino, momento em que a historiografia noticia os primeiros indícios de uma política pró-cristã a exemplo do Edito de Milão promulgado por Constantino e Licínio.

Compreensivelmente, o documento que se tornou conhecido como edito de Milão também pregava uma política de “tolerância” entre as religiões presente no Império Romano. Ademais, “(...) o pagão Licínio e o cristão Constantino, que doravante partilhariam o reinado sobre o Império indivisível, tinham -se posto de acordo em Milão para tratar os seus súbditos pagãos e cristãos em pé de igualdade” (VEYNE, 2007, p.13).

Esse episódio, a nosso ver, mostra que os imperadores assumiam uma postura diplomática diante das inúmeras práticas religiosas para poder governar sem maiores

problemas, tendo em vista que as questões religiosas trazem nesse contexto grande influência. (COELHO,2020, p. 92)

Não obstante, as determinações dos Imperadores Constantino e Licínio contidas no rescrito também faz menção aos locais de culto dos cristãos que foram confiscados e doados, devendo os mesmos serem restituídos o mais rápido possível. Tendo em vista, a nova legislação do Império que é favorável aos cristãos. (H.E. X.V.IX-X. p. 493). A lei benévola promulgada por Constantino e Licínio pregava ainda, a devolução dos bens de forma integral aos cristãos.

Decerto, Eusébio nos evidencia na *História Eclesiástica* que Constantino e Licínio desenvolveram uma política pro-cristã, isto é, a partir da promulgação da legislação favorável à corporação dos cristãos, que dentre outros privilégios e vantagens estava a isenção do pagamento de tributos para aqueles que servem a religião divina, ou seja, os religiosos como os bispos e chefes de igrejas eram isentos dos encargos públicos. (H.E.X.VII.I-II. p. 499-500). Nada obstante, para Della Torre:

O início do governo de Constantino e Licínio teria sido marcado pela reconstrução das igrejas, pelo retorno da reunião das assembleias e, em suma, pela alegria universal que brilhava por todo o Império agora que os cristãos retomavam sua vida normal e, por conseqüência, Roma se via livre das guerras civis e das calamidades naturais que assolaram as províncias nos primeiros anos do século IV. (2011, p. 149).

Contudo, de acordo com Veyne o Imperador Constantino “Manteve igualmente as suas promessas de tolerância religiosa e de paz civil, que nenhuma perseguição ensanguentará; tão-só a perturbarão as querelas entre cristãos.” (2007, p.17). Mas, “Podemos tornar-nos tolerantes por compromisso, porque se está cansado das guerras de Religião ou porque a perseguição falhou.” (VEYNE, 2007, p.18).

Veyne levanta uma questão pertinente para nosso estudo, levando em consideração que a atitude de Constantino e até mesmo de Licínio envolvia muitos interesses em estabelecer uma política de “tolerância religiosa” no

Império Romano, tendo em vista, que as perseguições contra os cristãos não trouxeram êxito para os Imperadores anteriores, bem como entendemos também que foram convencidos pelos bispos que os cristãos não representavam uma ameaça para o poder imperial. É como nos explicita Foucault “a genealogia restabelece os diversos sistemas de submissão: não a potência antecipadora de um sentido, mas o jogo casual das dominações.” (1979, p. 16).

Como prova disso “Vê-se por aí a que ponto se tinha desenvolvido a propriedade eclesial. Não compreendida só as igrejas e suas dependências, mais ainda imóveis de toda espécie, jardins, campos, casas para uso dos bispos e do clero.” (FRANGIOTTI, H.E. p. 494). Além disso, como nos corrobora Marvillia:

A par de defender o pluralismo religioso, o edito de Constantino e Licínio promoveu a incorporação do cristianismo ao mundo político tradicional: com a ordem para se restituírem às comunidades e aos indivíduos cristãos as propriedades confiscadas durante a perseguição diocleciano-galeriana, os imperadores pretendem clara e irrefutavelmente conferir ao cristianismo o direito inalienável de partilhar com as outras religiões das benesses imperiais. (2007, p. 77-78)

Devemos levar em consideração, a questão da política de privilégios que o Imperador destinava aos cristãos no século IV, principalmente o favorecimento e os presentes designados aos bispos (H.E.X. II. II. p. 467). Pois, nesse momento é possível perceber de forma clara a relação de interesses que os bispos tinham com o Imperador para conseguir privilégios como honras, presentes e outros. Este fato fortalecia a relação entre bispos e Imperador na antiguidade tardia.

Entretanto, foi no século IV d.C. que a relação entre bispos e imperadores se solidificou. A exemplo disso, podemos mencionar o bispo Eusébio de Cesaréia que em suas narrativas, exaltava o imperador Constantino como uma figura exemplar e digna de apoio ‘divino’ devotíssimo, em seus discursos. Nesse período os imperadores, como Constantino I, perceberam nos discursos cristãos sua capacidade de integração social a despeito do caráter multifacetado do Império Romano. É importante frisar que os cristãos até a suposta conversão de Constantino ao cristianismo, haviam

sido perseguidos e sua intervenção com o edito de Milão, por exemplo, sinaliza uma postura pró-cristã, não percebida anteriormente. (COELHO, 2020, p.91)

Sabemos que “Eusébio, além de religioso, foi um homem, sobretudo, político, pois participou da divergência entre heresias e ortodoxia resultante das próprias estruturas institucionais em processo de consolidação e fortalecimento.” (RAMALHO, 2018, p. 44). Certamente, o bispo Eusébio de Cesareia soube integrar o poder imperial aos propósitos do cristianismo. Em virtude disso, podemos considera-lo um homem à frente do seu tempo que deixou um grande número de escritos para serem problematizados e questionados.

Uma nova fase, porém, em sua vida, reduziria sua produção intelectual, fazendo-o dedicar-se de maneira mais intensa aos trabalhos administrativos e religiosos, já que agora ele não só era bispo, mas um superior eclesiástico bem articulado com o poder político de seu tempo. Porém, isso não impediu que Eusébio desenvolvesse as atualizações e ampliações que a *História Eclesiástica* costumava exigir. Da mesma maneira, suas responsabilidades episcopais não o impediriam de continuar produzindo. Em especial, os textos encomiásticos, que construíam a imagem de um imperador ideal, foram de suma importância para que a literatura eusebiana ganhasse notoriedade ao longo do tempo, mesmo fora dos círculos eclesiásticos. (RAMALHO, 2018, p. 52).

Ao mesmo tempo, o bispo cesareno, trabalha claramente com uma estratégia discursiva que visa denegrir a imagem de Imperadores que não atendem a seu projeto de fortalecimento e superioridade do cristianismo sob as outras religiões do Império Romano. Ou seja, o bispo acomete discursivamente os líderes políticos que apesar dos seus esforços literários não foram convencidos que o cristianismo não era uma ameaça ao poder imperial. É perceptível nas fontes *História Eclesiástica e Vida de Constantino* que Eusébio desacredita Maxêncio, Maximino e posteriormente Licínio. Enquanto, exalta Constantino como um enviado de Deus na terra para governar.

Eusébio descreve na H.E. (X.VIII.I. p.500) que teria se estalado um clima de paz no Império Romano, virtude proveniente da graça divina e manifestação celestial do salvador, Jesus Cristo, que influenciara os homens para a criação da lei (edito de Milão) que favorecia a corporação dos cristãos. Mas, tal paz era abominável à ganancia de Licínio, isto é, os acontecimentos anteriores derivados da bondade do soberano parecem não ter sido suficiente e Licínio não se contentava com o segundo lugar na hierarquia do Império e decide com base em sua ambição atentar contra os cristãos e contra Constantino. (H.E.X. VIII. II. p. 500-501)

Mas Licínio, ao invés, agia de forma oposta; urdia cada dia maquinações contra seu superior, e imaginava toda espécie de ciladas, de certo modo correspondendo com malignidade ao benfeitor. Primeiro, pois, tentando dissimular suas tramas, fingia-se amigo; e aplicando-se o mais das vezes à astúcia e ao dolo, esperava alcançar facilmente a meta desejada. (H.E.X.VIII.V. p. 501)

Como podemos notar, a relação entre os Imperadores Romanos do Ocidente e do Oriente era harmoniosa, porém “Licínio jamais se mostrou cristão. A tolerância que concedeu ao cristianismo foi por pura política e sempre menos generosa que a de Constantino.” (FRANGIOTTI, 2000. p. 501). Adicionado a isso, o bispo declara que, Licínio teria criado armadilhas para ocupar o lugar do príncipe Augusto do Ocidente, mas sendo Constantino amigo de Deus descobriu e superou-as (H.E.X. VIII.VI. p. 501).

A campanha de Constantino contra Licínio teve os traços de cruzada. Constantino foi levado à guerra sobretudo por razões políticas, mas não só pode descartar que a atitude Licínio a respeito dos cristãos tenha influenciado sua decisão. A guerra se iniciou em 323 e terminou em 324 por duas vitórias conseguidas por Constantino. Relegado na Tessalônica, Licínio faleceu no começo de 325. (FRANGIOTTI, 2000. p. 505-506)

Nada obstante, por volta de 324, a religião cristã de “seita de vanguarda” passava a exercer uma dimensão “mundial”, isto é, passou a ser reconhecidamente uma religião que exercia grande influência no mundo Romano. Por outro lado, Constantino vinculava-se a história do cristianismo

dos primeiros séculos da era cristã, tornando-se um sujeito histórico que terminava de derrotar Licínio no Oriente, que se transformara em um presumido perseguidor. Além disso, conquistou a unidade do Império Romano, estabelecendo o poder unificado em suas mãos. “Constantino não será, por seu turno, um perseguidor, o Império viverá em paz.” (VEYNE, 2007, p.17).

3.2 A relevância do bispo Eusébio de Cesareia e do Imperador Constantino no processo de afirmação do cristianismo niceno.

No século IV a igreja¹³ deixa de ser perseguida, como acontecera nos três séculos anteriores, em grande medida, graças aos esforços dos bispos incluindo Eusébio de Cesareia, tendo em vista que “os bispos tinham muita influência ante a população nos assuntos concernentes a pareceres religiosos, e devido a esse *status* eles eram sobremodo ouvidos.” (JÚNIOR; SOUZA, 2016. p. 62). Ademais, a análise da influência dos bispos na construção de discursos “verdadeiros” precisa ser percebida de forma mais ampla, pois como nos corrobora Foucault “a verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder.” (1979, p. 8).

Além disso, os Imperadores como Constantino que perceberam além de outras questões que a “tolerância religiosa” manteria as guerras civis e os descontentamentos sob controle. Ademais, segundo a historiografia cristã como já mencionado anteriormente, Constantino teria se convertido ao cristianismo. Dessa forma, no século IV, o Império Romano ganha mais adeptos do cristianismo, desse momento até então, notamos um grande aumento de cristãos que se espalharam pelo mundo.

No Império Romano, as questões políticas após a vitória de Constantino contra Licínio parecem estar resolvidas, tendo em vista que o

¹³ O termo igreja nesse contexto faz referências as comunidades cristãs existente no período que não possuíam uma hierarquia religiosa como nos dias hodiernos, pois a igreja tal qual como conhecemos hoje estava em construção naquela época.

Império passou a ser comandado por um único Imperador, no entanto, essa “paz” sentida com relação ao poder imperial não estava presente no meio religioso. Levando em consideração que as querelas religiosas permaneciam em aberto dentro do cristianismo, cabe nesse momento, ressaltar que havia vários cristianismos que permeavam o contexto do século IV, essa divisão na religião não era vista como favorável aos olhos de Constantino.

Desde o século II e III, questões ligadas às variedades interpretativas das Escrituras já borbulhavam no âmbito cristão (principalmente sobre a natureza de Jesus de Nazaré). Todavia, se retroagirmos ao século I é possível visualizar que isso também foi muito comum no cerne cristão (como é até hoje no século XXI, vide as diversas denominações cristãs existentes), pois o cristianismo surgiu de dissidências internas do judaísmo. E dentre tantos grupos cristãos existentes nos séculos I, II, III e princípio do IV, nenhum deles tinha a compilação do Novo Testamento. Isto é, o processo de formação do cânone neotestamentário não tinha sido principiado (mesmo já tendo todos os livros escritos que hoje pertencem ao Novo Testamento, não existia nenhum “Novo Testamento” no período). De sorte que, existiam diversos livros (evangelhos, epístolas, apocalipses etc.) que para alguns grupos cristãos era a “Palavra de Deus”, mas para outros grupos essa literatura não tinha “inspiração divina”. E assim, ocorreu uma convivência efervescente com diversos grupos que tinham seus próprios livros e prismas em relação à fé cristã. Entretanto, nada ainda tinha exercido tanta influência no tocante à cristologia quanto o ideário de Ário. (JÚNIOR; SOUZA, 2016. p. 63)

Durante o século IV, mesmo com favorecimento concedido pelos Imperadores aos cristãos, os pagãos não sofreram com perseguições ou foram coagidos a se converter a fé de cristo. “Mas dentro dessa conjuntura pacificada para o Imperador, problemas doutrinários com sacerdotes cristãos começaram a aparecer, e, isso envolveria doravante a figura de Constantino.” (JÚNIOR; SOUZA, 2016. p. 62). Acreditamos que Constantino percebeu a necessidade de protocolar também a unificação da religião cristã para que mantivesse o Império sob seu cetro.

No entanto, “o sacerdote Ário começou a esboçar pensamentos discrepantes aos da maioria dos eclesiásticos, logo, ele se inflamou em discursos contra o bispo Alexandre” (JÚNIOR; SOUZA, 2016. p. 63). E “os

estivadores de Alexandria se envolviam apaixonadamente, parece, com essas controvérsias, que, entretanto, não interessavam às multidões Ocidentais” (Le Goff, 2007: 34. Apud JÚNIOR; SOUZA, 2016. p. 63).

No século IV, houve o apogeu do processo de construção da deidade de Jesus, ou seja, foi onde Jesus deixou de ser um simples camponês da Palestina para se tornar Deus completamente. Essa ideia da deificação de Jesus não se originou no século IV, pois vem desde o século I e está explícita no Evangelho de João (apenas nele e com muitas ambiguidades, os outros três Evangelhos canônicos não chamam Jesus de Deus). Porém, não eram todos os cristãos que comungavam com esse ideário. Após a criação das bases da “ortodoxia” no quarto século, os clérigos que se sagraram vencedores do Concílio de Niceia e, doravante, da elaboração do processo de formação do Novo Testamento, ganharam a maioria dos adeptos para a crença da chamada alta cristologia. (JÚNIOR; SOUZA, 2016. p. 60)

Podemos perceber nesse contexto, com maior intensidade, discussões teológicas cristãs a respeito das doutrinas que pensam de forma diferente a divindade de Jesus. Entretanto, as doutrinas que tiveram maior respaldo nesse período foram a de Ário e Alexandre. “Daí nasceu esse grande estorvo doutrinário.” (JÚNIOR; SOUZA, 2016. p. 63). Ário, sacerdote de Alexandria, criador da corrente que ficou conhecida como arianismo, pregava que “o camponês judeu não tinha igualdade com Deus, isto é, Ário considerava Jesus como divino, porém, não tinha a mesma natureza de Deus-Pai.” (JÚNIOR; SOUZA, 2016. p. 61).

Por outro lado, o bispo Alexandre, que era o líder religioso na cidade de Alexandria, desaprova os fundamentos teológicos de Ário, tendo em vista que afirma com veemência a igualdade do Pai (Deus) com o Filho (Jesus Cristo) alegando que o Filho é consubstancial ao Pai. No entendimento do bispo Alexandre e outros pensadores, o pensamento teológico de Ário anula toda racionalidade da salvação pregada pela fé cristã. Levando em consideração que se Jesus fosse apenas mais uma criatura, não seria divindade e não libertaria o mundo dos pecados. (JÚNIOR; SOUZA, 2016. p. 64).

Alexandre e seus seguidores afirmavam categoricamente a consubstancialidade de Jesus com Deus em seus sermões. Para os proto-ortodoxos, o Filho era igual ao Pai, porque Deus o gerou da mesma substância. Com isso, essas declarações dariam início ao que posteriormente seria a formulação das três pessoas da divindade cristã “ortodoxa”, pois a questão do Pai e do Filho já estava sendo discutida e, doravante, foi acrescentado o Espírito Santo para formar a “tríade divina”. Dessa forma, mais tarde, foi engendrado o dogma da Trindade onde não haveria hierarquias de divindade. (JÚNIOR; SOUZA, 2016. p. 64) (...) Mesmo Ário se obstinando contra o bispo superior da região (Alexandre), continuava com a série de ensinamentos em comunidades cristãs e assembleias públicas expondo sua doutrina de que Jesus era uma criatura de Deus muito excelsa (Logos), mas não igual a Deus. Dizia também que a criação de Jesus foi para que ele se tornasse apenas intermediário na criação do mundo. Ou seja, segundo a doutrina ariana, Jesus continuava a ser divino e também em certa medida Deus. Todavia, não era igual a Deus-Pai. Pois houve um tempo que Jesus não existia e Deus sempre existiu. Logo, Deus só se tornou Pai quando Jesus passou a existir. (JÚNIOR; SOUZA, 2016. p. 65)

Logo, em virtude dessa discrepância de pensamento que detiveram maior notoriedade, teve início uma grande rivalidade cristológica, que visa extinguir os ensinamentos arianista. No entanto, os correligionários do arianismo aumentaram entre os helenistas e a doutrina disseminada por Ário desenvolveu-se aceleradamente dentro do Império. Não obstante, os simpatizantes do ideário teológico de Ário entraram em contenda contra o bispo Alexandre que resguardava o princípio convencional da religião. (JÚNIOR; SOUZA, 2016. p. 64)

Dessa forma, o bispo Alexandre percebendo as agitações contrárias a cristologia tradicional, se posicionou escrevendo para outros bispos para que, desse modo, juntos pudesse conter essa corrente teológica, que desacreditava que Jesus era feito da mesma substância divina de Deus-pai. (JÚNIOR; SOUZA, 2016. p. 65).

Em 319 d.C., aconteceu um sínodo que contou com aproximadamente cem bispos que condenaram a doutrina ariana. Logo, Ário foi deposto da comunidade cristã de Alexandria com cerca de outras vinte pessoas que o apoiava. Ário perdeu assim o seu presbiterato, contudo, o mesmo

continuou com suas pregações. Pois ele foi “condenado” na sua territorialidade, todavia, pediu apoio a bispos de fora do Egito, principalmente Eusébio de Cesareia e Eusébio de Nicomédia. Assim, doravante, Ário seria reabilitado na Igreja também por causa da ajuda desses dois bispos. (JÚNIOR; SOUZA, 2016. p. 65)

Tendo em vista, a movimentação ocasionada pelos defensores do arianismo na parte oriental do Império Romano, o Imperador Constantino observa o surgimento da controvérsia religiosa entre os eclesiásticos. Contudo, o príncipe augusto insatisfeito com essa disputa ortodoxa, procura abolir o debate, enviando cartas para Ário e Alexandre, pois a continuação dessas contrariedades doutrinárias pode causar o enfraquecimento do poder imperial no que diz respeito aos assuntos religiosos, políticos e sociais. (JÚNIOR; SOUZA, 2016. p. 65-66).

Em virtude dos acontecimentos oriundos da controvérsia cristológica, a história evidencia a convocação do Concílio de Niceia que teria acontecido em 325 por iniciativa de Constantino, no concílio, as principais pautas discutidas entre os bispos de todas as províncias foram a decisão de uma data para comemoração da páscoa e ,indubitavelmente, a resolução da disputa entre os partidos de Ário e Alexandre, (DELLA TORRE, 2011, p. 387), isto é, uma contenda entre os defensores do cristianismo niceno (corrente pregada pelo o bispos Alexandre que visava a consubstancialidade entre o pai e o filho) e do cristianismo ariano (que pregava a hierarquia entre pai e filho) MARVILLA, 2007, p. 99).

A despeito dessas doutrinações sobre Jesus, ainda não se tinha uma “ortodoxia” (“caminho correto”) por escrito para amalgamar essas declarações. E aí está a importância do Concílio de Niceia, que se constituiu para tentar unificar o Império através da consolidação da “nova religião” estatal e pôde fincar a doutrina de Deus oficial do cristianismo (doutrina essa que estava longe de ser uníssona entre todos os cristãos). O alvo e interesse do imperador Constantino se fundamentaram na primazia do Estado, pois o imperador não era versado em questões teológicas. Mas uma coisa era certa, se as heresias se propagassem poderiam levar a religião estatal há um enfraquecimento. Com isso, o Estado correria o risco de perder a manutenção da ordem social. A questão ariana era uma grande barricada para a realização da ideia de Constantino de um Império universal. A tentativa da

uniformização da adoração divina (isso apenas no âmbito cristão) poderia ajudar a alcançar tal intento. E como falamos anteriormente, não negligenciamos a conversão de Constantino ao Deus cristão que foi alocado às suas crenças pagãs. (JÚNIOR; SOUZA, 2016. p. 67-68)

No concílio em Niceia, foi discutido entre os bispos e o Imperador presente o “equivoco” da doutrina pregada por Ário que se distanciava da doutrina tradicional do cristianismo primitivo que a maior parte dos cristãos comungava. Dessa forma, o pensamento teológico de Ário foi condenado e tido daquela ocasião em diante como heresia. (JÚNIOR; SOUZA, 2016. p. 61). Nessa ocasião, o discurso que era mais conveniente para a maioria dos cristãos e também para o Imperador saiu vitorioso, por outro lado, a interpretação cristológica da minoria tornou-se heresia. Contudo, concordamos com Foucault quando diz “o importante, creio, é que a verdade não existe fora do poder ou sem poder” (1979, p. 8).

No transcorrer do tempo como já mencionado, o sacerdote Ário conquistou adeptos para sua doutrina, incluindo o bispo Eusébio de Cesareia e o bispo Eusébio de Nicomédia, que demonstravam inclinação para as ideias professadas por Ário. No entanto, suas predileções religiosas foram consideradas heréticas. Com isso, o criador da corrente cristológica Ário, foi “condenado” e exilado juntamente com Eusébio de Nicomédia. Podemos perceber que o bispo Eusébio de Cesareia não foi banido por Constantino, pois surpreendentemente Eusébio teria assinado a favor da doutrina de Alexandre e contra as ideias de Ário mesmo demonstrando certa inclinação por tal ideário. Logo, não foi exilado com os outros. (JÚNIOR; SOUZA, 2016. p. 68).

Ademais, no decorrer do concílio de Niceia (325), o bispo Eusébio de Cesareia é reabilitado¹⁴ após ter concordado com o credo niceno. Pois, Constantino Augusto que dirigia o Concílio se declarava contrário aos ensinamentos de Ário, dessa forma, Eusébio submete-se a assinar o símbolo coadunando com o credo niceno. Realiza tal ato para não

¹⁴ Eusébio por se recusar a aceitar outra doutrina contaria ao arianismo, é excomungado como outros dois bispos em um sínodo em Antioquia em fins de 324. Mais informações em Frangiotti, 2000, p.10-11.

desagradar o príncipe Augusto, levando em consideração que o Imperador buscava a unificação do cristianismo, para pôr fim às divisões dentro da igreja e a definição de uma única fórmula de fé, fazia-se necessário para tornar o credo cristão niceno “oficial” no Império Romano e, por essa razão, Constantino exigia que os bispos que estavam presentes no Concílio entrassem em consenso (FRANGIOTTI, 2000, p.10-11).

No entanto, boa parte da historiografia percebe a participação de Constantino no concílio de Niceia no sentido de estabelecer um consenso entre as vertentes, porém, acreditamos que Constantino exercia sobre os clérigos certa influência após a suposta conversão e o estabelecimento de uma política pró-cristã. Por isso, é preciso analisar com cuidado a convocação, participação e influência por parte do Imperador no concílio, pois como nos afirma Foucault “os dominadores encontrar-se-ão dominados por suas próprias regras.” (FOUCAULT, 1979, p. 17).

Todos os demais, por mais contrários que fossem às determinações conciliares, acabaram colocando sua assinatura nessas decisões. Muitos deles, inclusive Eusébio de Cesaréia, foram convencidos disso graças à insistência do imperador e às justificativas deles dizendo que expressões como “consustancial” podiam ser entendidas em um sentido mais amplo, menos marcado teologicamente, e que aí constavam apenas para marcar a heterodoxia das posições extremistas de Ario. (DELLA TORRE, 2011, p. 392-393).

Dessa forma, percebemos que alguns eclesiásticos por mais contrários que fosse ao pensamento que idealiza Jesus como uma divindade consustancial a Deus, obrigaram-se a concordar para favorecer às decisões do Concílio de Niceia dada a influência exercida pelo Imperador Constantino. Em virtude disso, podemos inferir que o príncipe Augusto não necessariamente se esforçou para estabelecer um consenso, mas possivelmente para fazer prevalecer seus interesses, pois, supomos que Constantino considerava o cristianismo niceno mais favorável ao seu projeto de poder.

Sabemos que a questão da controvérsia ariana acaba causando divisões entre os cristãos, tendo em vista que os vários cristianismos

presentes no período apresentavam divergências no pensamento cristológico. Dito isso, acreditamos que a convocação do concílio de Niceia perpassava por uma estratégia de poder do Imperador, pois, “Constantino visualizou uma oportunidade para enrijecer a unidade do Império conjuntamente através do cristianismo. Buscando assim, o controle político, social e religioso ante a população do Império.” (JÚNIOR; SOUZA, 2016. p. 66).

Todavia, para os escritores eclesiásticos, a heresia se tornou a contrariedade aos princípios, dogmas e regras que os mesmos estabelecem. Logo, para a religião cristã se tornou imprescindível salientar que Jesus de Nazaré é da mesma substância do próprio Deus para a permanência da crença na ressurreição dos mortos, para seu discurso salvacionista e para a sobrevivência da religião. (JÚNIOR; SOUZA, 2016. p. 68).

Exposto isso, “devemos salientar também que na Roma antiga, religião e política estavam atreladas intrinsecamente.” (JÚNIOR; SOUZA, 2016. p. 66). Ademais, “Sabemos que a autoridade exercida por Constantino foi de grande valia, não só para consolidação de seu poder, como para a manutenção de uma ortodoxia cristã, através da supressão de dissensões internas” (MEDEIROS, 2012, p.52). Além disso, o cristianismo contribuiu para aliança entre o poder imperial e a religião no Império Romano, logo foi registrado o credo de Niceia para subjugar as contendas interpretativas sobre o arianismo e para restringir o assunto a um único cristianismo. (JÚNIOR; SOUZA, 2016. p. 69). O credo niceno fruto do concílio de Niceia ficou da seguinte forma:

Cremos em um só Deus, Pai Todo-Poderoso, criador de todas as coisas, visíveis e invisíveis. E em um só Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, unigênito do Pai, da substância do Pai; Luz de Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, consubstancial ao Pai; por quem foram criadas todas as coisas que estão no céu ou na terra. O qual por nós homens e para nossa salvação, desceu (do céu), se encarnou e se fez homem. Padeceu e ao terceiro dia ressuscitou e subiu ao céu. Ele virá novamente para julgar os vivos e os mortos. E (cremos) no Espírito Santo. E quem quer que diga que houve um tempo em que o Filho de Deus não existia, ou que antes que fosse gerado ele não existia, ou que ele foi criado daquilo que não existia, ou que ele é de uma

substância ou essência diferente (do Pai), ou que ele é uma criatura, ou sujeito à mudança ou transformação, todos os que falem assim, são anatematizados pela Igreja Católica e Apostólica.¹⁵

Após o concílio de Niceia, percebe-se de forma mais evidente que os esforços foram para garantir uma posição privilegiada para o exercício da influência do clero, isto é, o controle religioso ficaria mais fácil para uma parte dos eclesiásticos em detrimento do conjunto dos cristãos leigos. Tendo em vista, que essa ação facilitaria o controle de Constantino sob o âmbito religioso, político e social. Prevenido assim, uma provável descentralização do poder imperial. Com essa atitude, o Imperador fortalece o seu poder político em todo o Império assegurando-se como chefe do Império e defensor da Igreja, ou seja, Constantino revestiu-se de um cetro divino para governar. (JÚNIOR; SOUZA, 2016. p. 70).

Todavia, os empenhos voltados para a consolidação de um único credo ortodoxo, derivado do primeiro concílio ecumênico registrado pela história do cristianismo, não foram suficientes para efetivar de forma absoluta apenas uma crença sobre a origem divina de Jesus de Nazaré. Pois, de acordo com as fontes pesquisadas o credo ariano permaneceu vivo, bem como outros pensamentos cristológicos que coexistem em nos dias hodiernos. Porém, reconhecemos que o credo niceno definido no concílio de Niceia tem maior preeminência na sociedade, devido à influência da igreja e do Imperador Constantino no contexto do século quarto que permanece até os nossos dias.

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade" (FOUCAULT, 1979, p. 8)

¹⁵ Credo firmado em Niceia. Disponível em: https://www.ecclesia.com.br/biblioteca/historia_da_igreja/primeiro_concilio_ecumenico_de_niceia.html acesso em: 01 de junho de 2020.

Contudo, entendemos que a relação entre as lideranças eclesiais e o primeiro Imperador pró-cristão, principalmente a rede de contato estabelecida entre Eusébio de Cesareia e o Imperador Constantino na antiguidade tardia, influenciou a decisão conciliar favorável para o chancelamento de uma única fórmula de credo. Nesse contexto, devemos levar em conta as relações de poder tecidas no cenário político romano tardio, como as benesses repassadas aos cristãos pelo príncipe Augusto, que resultou no fortalecimento da religião cristã dentro do Império Romano, bem como a consolidação do poder imperial nas mãos do Imperador Constantino.

4 . ANALISE DA VIDA DE CONSTANTINO E HISTÓRIA ECLESIASTICA DE EUSÉBIO DE CESAREIA

Nesse capítulo pretendemos apresentar, a análise dos discursos de Eusébio de Cesareia, que refletem questões sobre a conversão do Imperador Constantino, ou seja, o processo de cristianização do Imperador, bem como da trajetória e feitos de Constantino como cristão nas obras *História Eclesiástica e Vida de Constantino* do referido erudito cristão. Procuraremos mostrar, a partir da análise discursiva, que o erudito traz um discurso que evidencia a história cristã do Imperador Constantino, isto é, Eusébio preocupa-se em exaltar Constantino como um cristão, buscando enaltecer o Imperador a começar por sua origem paterna. Acreditamos que, utilizar essa estratégia discursiva para justificar, afirmar e legitimar o poder do Imperador, dos bispos e também do cristianismo no Império Romano.

4.1 A Conversão de Constantino sob o olhar de Eusébio de Cesareia.

No século IV d.C. é o contexto onde supostamente se observa o primeiro Imperador cristão, Constantino se tornou protagonista das narrativas cristãs após assumir uma postura pró-cristã. Nesse período o Imperador desenvolver uma série de ações que favoreceu os cristãos, especialmente os bispos, assim como a si mesmo. Pois com sua mudança na forma de governar o Império Romano, conquistou o poder universal do território em suas mãos e fortaleceu seus projetos políticos.

A partir desse momento procuraremos mostrar, a análise discursiva das narrativas do bispo Eusébio de Cesareia que traz um discurso que demonstra a história cristã do Imperador Constantino, ou seja, o bispo descreve o príncipe Augusto como um verdadeiro cristão. Dito isso, é importante ressaltar que o discurso é detentor de poder e frequentemente utilizado na sociedade seja na tardo-antiguidade ou nos dias hodiernos para constituir ideias de verdade. Além disso, com relação ao discurso Foucault discorre que:

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem como função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e terrível materialidade. (1970, p. 8-9)

Na obra a *História Eclesiástica*, bispo Eusébio de Cesareia trabalha com um discurso que busca enaltecer a origem paterna de Constantino, acreditamos que visava legitimar a escolha do príncipe Augusto como Imperador e o tratamento dado aos cristãos pelo soberano, bem como as virtudes do seu pai Constâncio Cloro que certamente Constantino teria herdado, como podemos perceber a seguir.

Após pequeno intervalo, o imperador Constâncio que, durante sua vida, tivera para com seus súditos disposições mais suaves e benígnas, e para com a doutrina cristã sentimentos mais amigáveis, deixou para substituí-lo o próprio filho Constantino, como imperador e Augusto; e terminou a vida, conforme a lei comum da natureza. Foi o primeiro dos imperadores a ser por eles colocado entre os deuses, com as honras póstumas que se prestavam a um imperador, pois fora

mais clemente e suave dos imperadores (H.E. VIII, XIII, XII, p. 422).

Para Eusébio, Constantino substituiu seu pai Constâncio Cloro para governar parte do Império Romano, mas antes disso foi escolhido por Deus todo poderoso, por isso demonstrou bondade, generosidade e piedade assim como seu pai com a religião cristã (H.E.VIII, XIII, XIII, p. 422). Dito isso, podemos inferir que o bispo demonstra em seus discursos que aqueles que aceitarem a verdadeira fé, receberam bençãos e glórias de Deus, assim podemos afirmar que é um discurso que visa persuadir as pessoas a seguir os preceitos da religião cristã, tendo em vista as benesses que poderão serem alcançadas.

Assim como, aqueles que forem contra a fé cristã e maltratasse seus servos sofreram e pereceram até a morte. Não obstante, o discurso Eusébio evidencia a princípio as figuras de Constantino e Licínio como escolhidos pelo salvador para governar o Império, levando em consideração que Constantino derrotou Maxêncio em Roma e no Oriente Maximínio caiu sob Licínio, ambos os Imperadores de acordo com o erudito cristão combateram com Deus a seu lado (H.E. IX, IX, I, p 449-450).

Além disso, é importante mencionar que na *História Eclesiástica* Eusébio preocupa-se em proclamar Constantino como um cristão, ou seja, o discurso Eusébio nesse momento se propôs a anunciar a adesão do Imperador ao cristianismo, como podemos perceber na citação a seguir.

Inicialmente, Constantino, o primeiro dos dois imperadores em dignidade e ordem, teve compaixão dos que em Roma suportavam a tirania. Tendo em suas orações invocado, como aliado, o Deus do céu e seu Verbo, o Salvador de todos, Jesus Cristo, avançou com todo o exército, prometendo aos romanos a recuperação da liberdade herdada de seus antepassados (E.H. IX, IX, II, p. 450).

No entanto, vale ressaltar que na *História Eclesiástica* Eusébio não menciona a conversão do Imperador Constantino, nessa obra o bispo palestino preocupa-se com evidenciar que o príncipe Augusto foi o primeiro

Imperador entre Constantino e Licínio que por altivez e austeridade, teve misericórdia dos cristãos que sofriam perseguição em Roma. Além disso, com suas orações ao Deus cristão e Salvador, pode conquistar vitórias ao lado do seu exercito e devolve aos romanos a paz e a liberdade religiosa.

Não obstante, o silenciamento de Eusébio na *História Eclesiástica* sobre o momento que ficou conhecido pela historiografia eclesiástica como sendo a ocasião da conversão daquele que foi considerado o primeiro Imperador da história a se converter ao cristianismo, é bem contestável, tendo em vista, a tamanha importância dessa obra para o bispo palestino e também para a história do cristianismo.

Ademais, o bispo Eusébio de Cesareia soube expor a comparação do Imperador Constantino com o servo de Deus e líder religioso Moisés nas suas *História Eclesiástica e Vida de Constantino*, também soube integrar o cristianismo aos propósitos políticos do Império Romano e de Constantino. Além disso, soube trabalhar com uma estratégia discursiva que promoveu um processo de cristianização do Imperador Constantino e em certa medida do Império Romano em suas obras, mas parece ter esquecido de mencionar o momento da visão da cruz e provável conversão do príncipe Augusto em sua obra a *História Eclesiástica*.

Como podemos refletir, há muitos pontos de convergência entre as obras de Eusébio analisadas nessa pesquisa, mesmo que uma tenha sido escrita antes e a outra depois, mas ambas tratam do mesmo período em que Constantino segundo Eusébio, venceu Maxêncio com ajuda divina e que por isso Constantino se dedicou a defender a causa cristã. No entanto, não estamos buscando afirmar ou negar a possível conversão do Imperador, mas nos ocupamos nessa pesquisa da análise do discurso de Eusébio de Cesareia que é voltado para a conversão e apresenta elementos contraditórios.

Os fatos nos levam a crer que possivelmente tenhamos duas hipóteses de por que Eusébio, o erudito não escreveu em sua obra *História Eclesiástica* sobre o momento da conversão que descreveu em *Vida de*

Constantino, a primeira opção e que Eusébio tenha inventado tal acontecimento, levando em consideração que em sua obra mais antiga não relata o acontecimento que traz em sua obra mais nova, Eusébio teria se dado conta da importância da revelação divina para fundamentar a cristianização do Imperador? Contudo, essa resposta concreta talvez nunca teremos, por que até o momento, não é do nosso conhecimento que haja fontes que comprovem cientificamente essa afirmação.

A segunda opção, é que Constantino e seus soldados não tenham mencionado a revelação divina que vivenciaram durante a batalha, ou até mesmo que essa informação não tenha chegado até Eusébio no momento em que escrevia a *História Eclesiástica*, sendo assim o bispo somente teria descrito o acontecimento em *Vida de Constantino*. Contudo, essas são apenas suposições do que poderia ou não ter acontecido, é importante ressaltar que essa pesquisa se ocupa em apontar caminhos de possíveis explicações e não dar respostas prontas e acabadas.

A obra *Vida de Constantino* de Eusébio de Cesareia nos evidencia a história cristã do Imperador Constantino, tal história começa a ser contada sob a ótica do bispo palestino após o Imperador desenvolver um posicionamento pró-cristão. Para o erudito, Constantino tornou-se o único governador amado por Deus e com isso constituiu-se como um modelo cristão a ser seguido por todos os homens. Como nos demonstra Eusébio a seguir.

esto es tambien lo que nuestra epoca ha probado ser verdad, en la que Constantino, el unico que llego a ser bienamado de Dios, soberano del Universo, entre los que alguna vez gobernaron el Imperio Romano, constituyo para todos los hombres un esplendoroso paradigma de pia vida religiosa. (V.C. I, p. 144-145)¹⁶

¹⁶ tradução: É também o que se tem provado no nosso tempo, em que Constantino, o único que se tornou amado de Deus, soberano do Universo, entre os que governaram o Império Romano, constituiu para todos os homens um esplêndido paradigma da vida religiosa. (V.C. I, p. 144-145).

Não obstante, Constantino, o modelo religioso a ser seguido pela humanidade é segundo Eusébio tão abençoado, amado por Deus, piedoso e afortunado que dominou facilmente muitas nações e conquistou um império unificado em suas mãos (V.C. I, p.146). Além disso, Constantino sendo considerado por Eusébio um padrão de vida religiosa foi reconhecido e aclamado dentre todas as nações por seus discursos imperiais (V.C. I, p.148-149).

Como podemos notar, Eusébio coloca o Imperador Constantino sob um pedestal cristão e sem a menor reminiscência pagã. Porém, como nos mostra Della Torre (2011), Constantino também era adepto do Deus Solar, no entanto, não podemos pensar Constantino perante uma ótica reducionista, acreditamos que o Imperador pode ter perfeitamente participado das duas formas de adoração religiosa sem uma excluir a outra.

Ademais, é evidente que Eusébio trabalha com uma estratégia discursiva que visa cristianizar o Imperador Constantino para assim legitimar tanto a religião cristã, como o governo de Constantino no Império Romano. Para Eusébio o príncipe Augusto seria fruto de inspiração divina, ou seja, um escolhido por Deus, por isso teria se tornado vitorioso e viveu uma vida piedosa e agradável a Deus, como nos evidencia o bispo a seguir.

Entonces empezo a invocarlo en sus oraciones, suplicando e impetrando que se le manifestara quien era El, y que le extendiera su diestra en las circunstancias presentes. Mientras esto imploraba e instaba perseverante en sus ruegos, se le aparece un signo divino del todo maravillos, al que no seria facil dar credito, si fuera quiza otro el que lo contara, pero si es el emperador victorioso el que, mucho tiempo despues, cuando fuimos honrados con su conocimiento y trato, nos lo comunica, ratificando mediante juramento la noticia, a nosotros que estamos redactando este relato, quien podria dudar como para no fiarse de lo que referimos, en especial cuando los mismos hechos posteriores establecieron con su testimonio la verdad de lo narrado. En las horas meridianas 2 del sol, cuando ya el dia comienza a declinar, dijo que vio con sus propios ojos, en pleno cielo, superpuesto al sol, um trofeo en forma de cruz, construido a base de luz y al que estaba unido una inscripcion que rezaba: *con este vence*. El pasmo por la vision lo sobrecogio a el y a todo el ejercito, que lo acompanaba en el curso de una marcha y que fue espectador del portento. decia que para sus adentros se preguntaba desconcertado que podria ser la

aparicion. Em esas cavilaciones estaba, embargado por la reflexion, quando le sorprende la llegada de la noche. En suenos vio a Cristo, hijo de Dios, con el signo que aparecio en el cielo y le ordeno que, una vez se fabricara una imitacion del signo observado en el cielo, se sirviera de el como de un bastion en las batallas contra los enemigos. Levantandose nada mas des- puntar el alba, comunica a sus amigos el arcano. A continuacion, tras haber convocado a artesanos en el oro y las piedras preciosas, se sienta en medio de ellos y les hace comprender la figura del signo que ordena reproducir en oro y piedras preciosas. En cierta ocasion, el mismo emperador, y eso por especial favor de Dios, nos deparo el honor de que lo contemplamos con nuestros ojos Se elaboro de la siguiente forma: Una larga asta revestida 1 3 1 de oro disponia de un largo brazo transversal colocado a modo de cruz; arriba, en la cima de todo, se apoyaba solidamente entretejida a base de preciosas gemas y oro una corona, sobre la cual dos letras indicando el nombre de Cristo connotaban el simbolo de la salvifica formula por medio de los dos primeros caracteres: la *rho* formando una *j i* hacia el medio. (V.C. I, p. 170-171-172)¹⁷

Outrossim, essa é a descrição do momento que ficou conhecido como a conversão do Imperador Constantino ao cristianismo pela a historiografia cristã. A citação a cima é narrada por Eusébio na sua obra *Vida de*

¹⁷ Tradução: Então ele começou a invocá-lo em suas orações, suplicando e pedindo que ele fosse mostrado quem ele era, e que ele estendesse sua mão direita nas presentes circunstâncias. Enquanto ele persistentemente implorava e incitava suas orações, um sinal divino completamente maravilhoso apareceu-lhe, ao qual não seria fácil dar crédito, se fosse talvez outra pessoa que o contasse, mas é o imperador vitorioso que, muito depois de Quando ficamos honrados com seu conhecimento e tratamento, ele nos comunicou, ratificando a notícia por meio de juramento, a nós que estamos escrevendo esta história, que poderíamos duvidar de não confiar no que nos referimos, especialmente quando os mesmos fatos posteriores estabeleceram com seu testemunho a verdade do que é narrado. Nas 2 horas meridianas do sol, quando o dia começou a declinar, ele disse que viu com os próprios olhos, no meio do céu, sobreposto ao sol, um troféu em forma de cruz, construído com luz e para o qual uma inscrição que diz: com este ganha. O espanto com a visão oprimiu a ele e a todo o exército, que o acompanhava em uma marcha e que era um espectador do portentoso. ele disse que interiormente estava se perguntando, intrigado, o que aquela aparição poderia ser. Nessas reflexões ele foi tomado pela reflexão, quando a chegada da noite o surpreendeu. Em sonhos viu Cristo, filho de Deus, com o sinal que apareceu no céu e ordenou-lhe que, uma vez feita uma imitação do sinal observado no céu, o usasse como bastião nas batalhas contra os inimigos. Levantando-se assim que amanhece, ele comunica o arcano aos amigos. Então, depois de convocar artesãos em ouro e pedras preciosas, ele se senta no meio deles e os faz compreender a figura do sinal que ele manda reproduzir em ouro e pedras preciosas. Certa ocasião, o mesmo imperador, e que por especial favor de Deus, nos deu a honra de contemplá-lo com os olhos, feito da seguinte maneira: Uma longa estaca revestida de ouro 1 3 1 tinha um longo braço transversal colocado como entre; Acima, em cima de tudo, sustentava-se uma coroa solidamente tecida com pedras preciosas e ouro, sobre a qual duas letras indicando o nome de Cristo conotavam o símbolo da fórmula salvífica por meio dos dois primeiros caracteres: o rho formando uma ji em direção ao meio. (V.C. I, p. 170-171-172)

Constantino onde buscou mostrar como Constantino orava ao Deus dos cristãos quando recebeu um sinal no céu, teria aparecido para o Imperador e seus soldados um troféu em forma de cruz, sobreposto ao sol, com a inscrição com este vence. Para o bispo não seria possível acreditar em tal acontecimento, se fosse outra pessoa que o contasse, mas como foi o Imperador vitorioso que comunicará em forma de juramento não poderia haver dúvida da veracidade dos fatos.

Não obstante, de acordo com Eusébio, Constantino não teria entendido muito bem aquele sinal, logo, a noite o Imperador teria sonhado com cristo e com o sinal que apareceu no céu. A partir desse momento o símbolo deveria ser usado como proteção divina em batalhas contra os inimigos. O príncipe Augusto por sua vez ordenou que o sinal fosse reproduzido e posto em sua armadura e nas de seus soldados.

Entretanto, o texto é narrado por Eusébio como forma de evidenciar a revelação divina do Imperador Constantino, contudo, tais “revelações” são comuns até os dias hodiernos, se levamos em consideração que muitas pessoas dizem ser agraciadas com espécies de iluminações divinas. Estas inspirações tem algo em comum, geralmente mostram que o caminho da salvação é a não prática e a redenção dos pecados, além de mostrar o caminho a ser seguido em direção a Deus.

Além disso, podemos dizer que as revelações divinas são a base de muitas religiões que existiram e existem no mundo, o cristianismo não é uma exceção, tendo em vista, que as escrituras sagradas foram fruto de revelação divina, assim como segundo a história do cristianismo, o momento em que Maria mãe de Jesus Cristo recebeu um anjo para revelar a chegada da divindade de Jesus. Não obstante, na história da religião cristã as revelações divinas são eventos comuns.

Dito isso, é importante entrarmos mais uma vez no debate do sopro divino que Constantino teria presenciado. Ademais em se tratando de revelação divina, normalmente acontece com um indivíduo que além da sua palavra e fé não há muito mais como comprovar que de fato tenha acontecido a dita iluminação enviada por Deus. É necessário deixar claro que não estamos nessa pesquisa querendo pôr em xeque a fé ou crença de

ninguém, apenas queremos trazer o debate sobre o assunto (revelação divina) pelo viés da história que é uma ciência que dialoga com fontes históricas e faz uso de procedimentos teórico-metodológicos específicos.

Nesse sentido, a revelação ou inspiração divina de Constantino é descrita por Eusébio, mas infelizmente até a escrita desse trabalho não encontramos vestígios de fonte que o próprio Constantino tenha descrito sobre a inspiração divina que teria vivido. Ademais, o que temos de concreto e comprovado é o posicionamento pró-cristão que Constantino passou a exercer após a batalha da ponte Mílvia contra Maxêncio.

No entanto, Constantino sendo um grande Imperador e de acordo com Eusébio um cristão fiel, o fato de não ter escrito sobre sua experiência de revelação divina e no mínimo problemático. Além disso, acreditamos que se Constantino, tivesse descrito tal acontecimento em sua vida, Eusébio o erudito, teria exposto em seu relato, tendo em vista que o bispo palestino costuma fundamentar sua escrita a partir de leis, cartas e relatos bíblicos como a comparação com os tempos de Moisés, da luta entre Constantino e Maxêncio.

Contudo, acreditamos que o relato da conversão do Imperador Constantino, assim como o enaltecimento da sua origem paterna nas narrativas do bispo Eusébio de Cesareia, são elementos que perpassam por uma estratégia discursiva de evidenciar a construção da imagem cristã do Imperador, para certamente fortalecer o cristianismo dentro do Império Romano e torna-lo uma religião superior as demais dentro do Império, além de estabelecer uma relação político-religiosa de poder com vantagens e bens para o Imperador, os bispos e os cristãos que por muito tempo sofreram com perseguições.

4.2 Constantino como Cristão: considerações do bispo Eusébio de Cesareia.

No Império Romano, as narrativas cristãs produzidas pelo bispo Eusébio de Cesareia tendem também a construir a imagem do Imperador

Constantino como um bom governante cristão, isto é, Eusébio além de trabalhar com um discurso que evidencia o processo de cristianização de Constantino que perpassa pela conversão, também expõem o Imperador como um bom cristão que governa de forma agradável e com base nos preceitos cristãos o Império para seus súditos.

O discurso eusebiano, ressalta, o quão bom era o Imperador Constantino para o Império, na obra *Vida de Constantino*, Eusébio descreve que o Imperador realizou feitos em seu governo que fortaleceu e edificou a religião cristã no Império Romano, sem, no entanto, negligenciar questões fora da fé cristã. Constantino teria propiciado a todos os povos de cada província e seus conhecidos condecorações, não havia nada que o pedissem que ele não faria ou benefício que ele não concedesse, muitos se tornaram governadores e receberam títulos de nobreza (V.C. IV, p. 333-334).

Dessa forma, como nos corrobora o bispo palestino em *História Eclesiástica*, Constantino por suas ações e feitos é honrado por Deus com vitórias e ao chegar a Roma depois de conquistar vitórias é recebido com hinos de triunfo, alegria e sendo considerado um libertador, salvador e benfeitor pelo povo Romano. (H.E. IX. IX. IX. p. 452).

Podemos perceber, que Eusébio demonstra nos seus escritos uma visão muito romantizada do Imperador Constantino, não que Constantino não tenha desenvolvido um posicionamento pró-cristão com a realização de grandes feitos que agradava parte da população do Império. No entanto, um líder não pode beneficiar todos os súditos.

Ademais, o bispo palestino, ressalta que o Deus dos cristãos estava por traz de Constantino e que por isso ele se torna um salvador de vidas humanas durante seu Império, “Pues a el, Dios, soberano universal, le habia entregado el mando supremo de la tierra; el, a su vez, a imitacion del Omnipotente, habiales confiado la sus actos- al Sumo Soberano.” (V.C. IV, p.357).¹⁸

Além disso, segundo Eusébio, Constantino tendo aceitado a divindade no momento da conversão e pelas vitórias contra os inimigos alcançadas se

¹⁸ Tradução: Pois a ele, Deus, soberano universal, deu o comando supremo da terra; Ele, por sua vez, em imitação do Todo-Poderoso, confiou seus atos ao Alto Soberano. (V.C. IV, p.357).

tornou um fiel crente no poder da oração como podemos notar na citação a seguir:

En estas circunstancias, cuando todos los pueblos de la tierra se sentian guiados asi como por un piloto y saludaban aquel gobierno regido por el ministro de Dios, al tiempo que nada ya desazonaba al imperio de los romanos, en estas circunstancias, digo, toda la humanidad dejaba transcurrir su vida llena de serenidad y sosiego. Y como el emperador creia que las oraciones de la gente piadosa repercutian beneficiosamente en la salvaguarda del estado, con todo apremio se las procuraba, ya orando el mismo a Dios, ya recabando de los prelados eclesiasticos que se elevaran preces por el. (V.C. IV, p.343).¹⁹

Outrossim, no Império de orações governado pelo ministro de Deus, Imperador piedoso e devoto seria recomendado de acordo com Eusébio que os súditos se convertessem e se transformassem em adoradores de Deus, não obstante, o Imperador decreta que todos os vassallos residentes no Império Romano descansem no dia dedicado ao senhor. (V.C.IV, p. 344-345).

Dito isso, nesse momento é importante expor a oração a Deus ensinada por Constantino aos soldados, levando em consideração que a oração descreve a imagem cristã do Imperador, além disto, mostra o seu envolvimento com a religião.

El mismo emperador en persona enseno a todos los soldados la plegaria, dando la orden de que todos la recitaran em latin, de la siguiente manera: «Solo a Ti te conocemos como Dios, — a Ti te reconocemos como soberano, — a Ti te invocamos como Valedor, — de Ti obtenemos las victorias, — por Ti somos superiores a los enemigos, — a Ti damos las gracias por los pasados beneficios, — en Ti tambien confiamos como <dispensador> de los venideros, — de Ti todos somos suplicantes, — rogamos seanos conservado el tiempo mas largo posible, a salvo y victorioso, nuestro emperador Constantino, asi como sus piadosos hijos» (V.C. IV, p.346).²⁰

¹⁹ Tradução: Nessas circunstâncias, quando todos os povos da terra se sentiam guiados também por um piloto e saudavam aquele governo governado pelo ministro de Deus, enquanto nada afligia o Império Romano, nessas circunstâncias, digo que toda a humanidade deixou sua vida passar por completo de serenidade e tranquilidade. E como o Imperador acreditava que as orações de pessoas piedosas tinham um impacto benéfico na salvaguarda do estado, com toda a urgência ele as buscou, já orando a Deus, e pedindo dos prelados eclesiásticos que orações fossem feitas por ele. (V.C. IV, p.343).

²⁰ Tradução: O próprio imperador ensinou a todos os soldados a oração, ordenando que todos a recitassem em latim, da seguinte forma: «Só tu te conhecemos como Deus, - tu reconhecemos como soberano, - tu te invocamos como Valedor, - De ti obtemos vitórias, - Por

A partir da análise do discurso eusebiano, podemos inferir que Eusébio constrói a imagem do Imperador Constantino sob uma perspectiva de cristão fiel e devoto que acreditava fortemente na oração ao Deus cristão, ou seja, um Imperador indubitavelmente cristão, que buscava ofertar aos seus súditos a possibilidade de conversão e crença em um único salvador comum.

Não obstante, o bispo palestino, demonstra um Constantino cristianizado, isto é, um Imperador envolvido na questão religiosa de corpo e alma, seja na pregação de orações, nas praticas espirituais ou nas cerimoniais sagradas. Para Eusébio, o Imperador fazia de tudo para tornar a vigília esplendida nos dias destinados a festa salvífica. (V.C. IV, p. 347). Por outro lado, uma lei foi promulgada para comemoração do dia do senhor como nos evidencia o trecho a seguir:

se emitio una ley a todos los gobernadores de las provincias, ordenandoles festejar el dia del Senor; y ellos mismos, por orden del emperador, honraban los dias conmemorativos de los martires, asi como tambien daban esplendor a determinadas fechas solemnes mediante concentraciones; y todo ello se llevaba a cabo con gran contento del emperador. (V.C. IV, p.348).²¹

Indubitavelmente, o Imperador Constantino desenvolve ações favoráveis a fé cristã por meio da promulgação de leis imperiais que ressaltam o seu posicionamento pró-cristão. O príncipe Augusto, parece ter se convencido que no cristianismo teria a possibilidade de ajustar e por em prática seus projetos políticos de poder absoluto do Império Romano, tendo em vista, que o cristianismo era uma religião que crescia a cada dia o numero de adeptos no Império.

Por outro lado, a política do Imperador segue a perspectiva de uma politica voltada para a “tolerância religiosa”, ou seja, em um período onde havia a crença em vários deuses não poderia haver perseguição aos devotos dessas

Ti somos superiores aos nossos inimigos, - Agradecemos pelos benefícios passados, - Também confiamos em Ti como <dispensador> daqueles que virão, - De Ti somos todos suplicantes, - rezamos para que nosso imperador Constantino, assim como seus filhos devotos, sejam preservados o máximo possível, seguros e vitoriosos”. (VC IV, p.346).

²¹ Tradução: Uma lei foi promulgada a todos os governadores das províncias, ordenando-lhes que celebrassem o Dia do Senhor; e eles próprios, por ordem do imperador, honraram os dias comemorativos dos mártires, bem como deram esplendor a certas datas solenes por meio de concentrações; e tudo isso foi realizado para grande satisfação do imperador. (V.C. IV, p.348).

divindades. De fato, devido o cristianismo ter sofrido perseguições por muito tempo, acreditamos que Constantino teria favorecido a religião para que assim pudesse reparar um pouco do que havia sido destruído com a perseguição.

Não obstante, como nos mostra Eusébio, Constantino e Licínio que ainda não alterara a mente, por interseção divina e ambos com o mesmo intuito, promulgaram uma lei completamente favorável aos cristãos, isto é, criaram uma legislação em favor dos cristãos. (H.E. IX. IX. XII. p. 453). Tal lei ficou conhecida como Edito de Milão que possibilitou privilégios a comunidade cristã, como a reconstituição dos bens que tinham sido destruídos, além da proibição da perseguição ao povo de cristo como foi apresentado nessa pesquisa anteriormente.

Por conseguinte, Constantino considerava, o Deus dos cristãos como um protetor, amigo fiel que o guardava. Levando em consideração, que o ajudou a perceber as tramas planejadas contra ele por Licínio, logo o Imperador conseguiu se livrar das conjurações secretas do seu inimigo pela intervenção e proteção de Deus. (H.E. X. VIII. VI. p. 502).

Além disso, como forma de manter o controle da religião cristã, Constantino intervia na questão religiosa, acreditamos que para tentar organizar os processos religiosos como a festa da pascoa, isto é, “sobre la santidad de la festividad pascual” (V.C. IV, p.361).²² Logo como podemos perceber, o trecho abaixo descreve uma carta do Imperador para o bispo Eusébio de Cesareia falado sobre a festa santa da pascoa.

El Vencedor Constantino, Maximo, Augusto, a Eusébio.

Es una empresa del todo ardua y superior a cualquier capacidad de expresion exponer con la dignidad que ello requiere los misterios de Cristo, de igual modo que es una operacion provechosa, pero tambien extenuante, el interpretar de manera adecuada el origen y controversia sobre la Pascua. A los hombres es imposible hablar dignamente sobre lo divino, incluso a los que estan dotados para reflexionar. No obstante, admirando como admiro tu amor al saber y tu amor propio, he leido con placer el libro y como querias he ordenado difundirlo entre los muchisimos que se aplican sinceramente al servicio divino. Y teniendo en cuenta, por cierto, con que gusto recibimos regalos asi de tu perspicuidad, esfuerzate por

²² Tradução: sobre a santidade da festa pascal. (V.C. IV, p.361).

alegrarnos con un envio mas continuado de los libros, de los que confiesas estar tu mismo nutrido. A ti, pues, que estas en plena carrera, como suele decirse, te animamos a tus habituales estudios, en tanto que la confianza que en tan alto grado te expreso muestra bien a las claras que has hallado a la altura de tus obras al que ha puesto em lengua latina el fruto de tus fatigas, pese a que la tal traduccion sea por completo incapaz de alcanzar dignamente la belleza de tus palabras originales. Dios te guarde, dilecto hermano. (V.C. IV, p.361-362).²³

Como podemos notar, as atitudes religiosas do Imperador para com a religião cristã trazidas por Eusébio falam muito sobre um Imperador cristão, preocupado com questões de ordem religiosa e com um verdadeiro temor, respeito e devoção ao Deus dos cristãos. Nesse documento, também é possível perceber a admiração que o Imperador diz ter pelo bispo Eusébio de Cesareia o que mostra uma aproximação entre eles.

Entretanto, o entendimento dessa carta é que o Imperador seguia as recomendações de Eusébio, ou seja, o bispo palestino parece ter convencido o Imperador da importância do cristianismo e que esse seria o verdadeiro caminho religioso a ser seguido. No entanto, teria Constantino deixado de lado a sua fé no Deus solar? Ou nesse momento era conveniente para ele seguir preceitos cristãos para alcançar seus objetivos políticos?

Contudo, esses questionamentos são pertinentes, porém, acreditamos que Constantino foi um grande estrategista político e religioso, por essa razão entender os seus posicionamentos e atitudes não é uma tarefa fácil, ainda mais através das narrativas de Eusébio de Cesareia, que busca o fortalecimento e

²³ Tradução: O Vencedor Constantino, Máximo, Augusto, para Eusébio.

É uma tarefa completamente árdua e superior a qualquer capacidade de expressão expor os mistérios de Cristo com a dignidade que este requer, da mesma forma que é uma operação proveitosa, mas também exaustiva, interpretar adequadamente a origem e polêmica sobre a Páscoa. É impossível para os homens falar com dignidade sobre o divino, mesmo aqueles que têm o dom de refletir. No entanto, vendo como admiro o seu amor ao conhecimento e o seu amor próprio, li com prazer o livro e, como você queria, ordenei que fosse divulgado entre tantos que se dedicam sinceramente ao serviço divino. E levando em conta, aliás, com que prazer recebemos presentes como o da sua perspicácia, faça um esforço para nos alegrar com um envio mais contínuo de livros, dos quais você confessa ter se alimentado. A vós, pois, que se encontram a meio de uma carreira, como se costuma dizer, encorajamos-vos aos vossos estudos habituais, enquanto a confiança que exprimo em tão alto grau mostra claramente que encontrastes o nível dos vossos trabalhos a que colocou para a língua latina o fruto do seu cansaço, apesar de tal tradução ser completamente incapaz de atingir dignamente a beleza de suas palavras originais. Deus te salve, amado irmão. (V.C. IV, p.361-362).

superioridade do cristianismo sobre as outras religiões do Império, e o que fundamentaria melhor essa superioridade da religião cristã do que o Império ser governado por um Imperador cristão.

No entanto, nesse instante é pertinente trazer mais uma carta do Imperador para o bispo cesareno, nessa carta Constantino encomenda cópias das sagradas escrituras, isto é, cópias da bíblia para Eusébio.

El Vencedor Constantino, Maximo, Augusto, a Eusebio:

En la ciudad que lleva nuestro nombre, por el favor providente de Dios nuestro salvador, una grandíssima cantidad de gente se ha entregado a la Santísima Iglesia, hasta el punto de que, ante el fuerte incremento que todo esta allí tomando, parece del todo procedente habilitar en esa ciudad mas iglesias. Acoge, por tanto con el mayor celo lo que nuestra decision ha adoptado. Pues nos ha parecido conveniente manifestar a tu sapiencia el deseo de que ordenes transcribir por expertos caligrafos, escrupulosamente versados en esse arte, cincuenta ejemplares en pergaminos bien elaborados, claramente legibles y de facil manejo para el uso, de las Sagradas Escrituras, claro esta, cuya útil provision tu sabes lo necesaria que es para la instruccion de las iglesias. Se han cursado escritos por orden de nuestra clemencia al vicario de la diocesis, para que se ocupe de proveer todo lo pertinente a su puesta a punto. Sera asunto de tu incumbencia el que los ejemplares transcritos esten listos cuanto antes. En virtud de este escrito nuestro, estas facultado para que se te suministren dos <carros> publicos en orden a su transporte. Es asi, sobre todo, como mas facilmente se haran llegar ante nuestros ojos los bellos ejemplares, siendo un diacono de tu iglesia quien forzosamente conducira esto a termino, y ese tal, en cuanto llegue, podra experimentar la generosidad de nuestros sentimientos. Dios te guarde, dilecto hermano. (V.C. IV, p.362-363).²⁴

²⁴ Tradução: O Vencedor Constantino, Máximo, Augusto, para Eusébio:

Na cidade que leva o nosso nome, pela graça providente de Deus nosso salvador, um número muito grandes de pessoas se entregaram à Santa Igreja, a tal ponto que, dado o forte aumento que tudo está levando ali, parece inteiramente apropriado habilitar mais igrejas naquela cidade. Por isso, acolhe com o maior zelo aquilo que foi adoptado pela nossa decisão. Bem, achamos conveniente expressar a sua sabedoria o desejo de que ordene a transcrição por calígrafos experientes, escrupulosamente versados nesta arte, cinquenta cópias em pergaminhos bem elaborados, claramente legíveis e fáceis de usar, das Sagradas Escrituras, de curso, cuja provisão útil você sabe quão necessária é para a instrução das igrejas. Os escritos foram enviados por ordem de nossa clemência ao Vigário da Diocese, a fim de que ele se encarregue de providenciar tudo o que for pertinente para o seu aperfeiçoamento. Será sua preocupação que as cópias transcritas estejam prontas o mais rápido possível. Em virtude desta nossa carta, você tem o direito de receber dois <carros> públicos para transportá-los. É assim, acima de tudo, como os belos espécimes serão trazidos aos nossos olhos com mais facilidade, sendo um diácono de sua igreja que necessariamente o levará a completá-lo, e que tal, assim que

O envolvimento do Imperador Constantino com o cristianismo e a abertura para a disseminação no Império da fé cristã é evidente, mas a pergunta aqui é, com que propósito o Imperador faz isso? Ele está envolto de fé ou de interesses políticos? Acreditamos que os dois, pois durante a pesquisa realizada na documentação selecionada, encontramos fortes evidências que nos levam a crer que Constantino, buscava uma “tolerância religiosa” no Império para não haver contestações sobre a sua política “pues en la vida presente se veia honrado con el imperio universal como unico monarca, y en el futuro, iba a correinar junto al Hijo de Dios.” (V.C. IV, p.372)²⁵

Decerto, assim Constantino conquistou a unificação do poder Imperial em suas mãos, por outro lado, isso não o impedi de ter tido uma relação de fé com a religião cristã. Além disso, Constantino possibilitou o crescimento da fé cristã com o seu posicionamento favorável a questão cristã no Império, pois foi no século IV d.C. que o cristianismo constituiu bases para consolidação da religião que estão presentes até os dias hodiernos, como é o caso do cancelamento do credo niceno no concilio de Niceia em 325 d.C. que tornou o credo niceno o “oficial” do Império e que acreditamos ser por isso alcançou maior aprovação entre as religiões existentes da atualidade.

Outrossim, a religião também se constitui como uma fonte de poder e dominação, logo acreditamos que a relação entre política e religião é utilizada pelo Imperador para controlar através da persuasão determinados indivíduos para a manutenção da dominação dos grupos. Com isso, percebemos que faz muito sentido o posicionamento pró-cristão de Constantino, levando em consideração que muitos interesses permearam a relação entre bispos e Imperador no século IV no Império Romano.

Além disto, segundo Eusébio Constantino educou seus filhos segundo os preceitos do cristianismo, isto é, apesar de levar em conta os interesses do estado, também tinha a preocupação de liderar a igreja de Deus, nesse

chegar, poderá experimentar a generosidade de nossos sentimentos. Deus te salve, amado irmão. (V.C. IV, p.362-363).

²⁵ Tradução: porque na vida presente ele foi homenageado com o império universal como o único monarca, e no futuro, ele iria reinar junto com o Filho de Deus.

sentido, educou seus filhos, porém, os filhos do Imperador, a pesar das exigências paternas demonstraram afeição para com o culto divino. Logo tornaram-se homens fieis a Deus (V.C. IV, p.376).

Dessa forma, Constantino e seus filhos proclamaram normas imperiais, sobretudo, humanitárias. Ou seja, promulgaram leis que revelaram sua proeminência verdadeiramente piedosa. (H.E. X. IX. VIII. p. 507). Com isso, foi extinta toda tirania no Império e Constantino, juntamente com seus filhos, preservavam de forma incontestável o governo e a unidade do Império Romano que foi conquistado, assim como aboliram o ódio a Deus do mundo. (H.E. X. IX. IX. p. 507-508).

Decerto, Eusébio faz um esforço grandioso nas suas narrativas para demonstrar Constantino como cristão, bom Imperador e pai dedicado em repassar para os filhos os caminhos religiosos que deveriam seguir. Além do mais, “La filantropia y la bondad insitas del emperador, asi como la autenticidad de su fe y la franqueza de su caracter, lo indujeron a fiarse de las apariencias de los que se hacian pasar por cristianos y simulaban” (V.C. IV, p.377).²⁶

Mas no tardo la justicia divina mucho tiempo en ocuparse de ellos. En cuanto al emperador, ejercito tanto su mente con la aplicacion de su potencia intelectual, que hasta el mismo momento de su muerte siguio escribiendo, por habito, discursos, menudeo su (exposicion) publica, y siguio ofreciendo a cuantos le escuchaban un magisterio de signo religioso, persistio en su actividad legislativa, tanto en el plano civil como en el militar, y todo lo oriento con la intencion puesta en el bienestar de toda la condicion humana. Cabe cumplidamente evocar que, estando ya en el umbral mismo de la muerte, pronuncio ante su acostumbrado auditorio cierto discurso adaptado a las circunstancias, en el curso del cual (extendiendose) con prolijidad, disertó sobre la inmortalidad del alma, sobre los que dan termino piadoso a la presente vida y los bienes que estan reservados por el mismo Dios junto a si a las personas religiosas; (V.C. IV, p.378-379)²⁷

²⁶ Tradução: A filantropia e a insistente gentileza do imperador, bem como a autenticidade de sua fé e a franqueza de seu caráter, levaram-no a confiar nas aparências daqueles que se faziam passar por cristãos e fingiam (V.C. IV, p.377).

²⁷ Tradução: Mas a justiça divina não demorou muito para lidar com eles. Quanto ao imperador, ele exercitou tanto sua mente com a aplicação de seu poder intelectual, que até o momento de sua morte continuou a escrever, por hábito, discursos, muitas vezes publica sua (denúncia) e continua oferecendo a todos os que o ouvem um magistério de signo religioso, persistiu na sua atividade legislativa, tanto a nível civil como militar, e dirigiu tudo visando o bem-estar de toda a

Constantino se manteve ativo intelectualmente e religiosamente até os dias que antecederam sua morte. Isto é, de acordo com Eusébio, o príncipe Augusto continuou a elaborar discursos dentre eles, muitos eram favoráveis a religião cristã, além disso, o Imperador permaneceu ativo nas questões administrativas do Império, de modo, a proporcionar a satisfação dos súditos. Não obstante, com a morte se aproximando Constantino também teria discursado sobre a imortalidade da alma, ou seja, sobre aqueles que quando se encerra a vida terrena, recebem bens reservados por Deus aos fies religiosos.

Além disso, é perceptível que Constantino se preocupava coma hora da morte, tanto que criou um templo para colocar o corpo dos apóstolos e também o seu após sua morte. Para o Imperador a criação do templo onde seu corpo seria depositado, constituiria um local de muitas orações em honra aos apóstolos. Constantino tratou o assunto como muita seriedade para que após sua morte, seu corpo repousasse honradamente, pois considerava que seu corpo sendo depositado junto aos apóstolos sua alma receberia benefícios vantajosos. (V.C. IV, p.381-382).

Outrossim, nesse instante é imprescindível mencionar o batismo do Imperador Constantino no leito de morte, que é exposto por Eusébio como o momento da remissão dos pecados, como é possível perceber no trecho da obra *Vida de Constantino* a seguir.

Efectivamente, una vez cumplidas las primeras practicas de la Festividad Pascual, no bien hubo pasado la redentora jornada con aire exultante y alegre, haciendo resplandecer para si y para todos la fiesta, como quiera que en estos menesteres hubiese pasado su vida < h a sta> el final, Dios, con quien los realizaba, lo premio, en el momento mas oportuno, con el divino traspaso a algo mejor. Le sobreviene una primera indisposicion a su cuerpo, a i esta le sucede un franco deterioro, y en vista de ello visita los banos de aguas termales de su ciudad; de alla se encamina a la ciudad que lleva el

condição humana. Vale a pena lembrar que, estando já no limiar da morte, ele proferiu diante de sua audiência costumeira um certo discurso adaptado às circunstâncias, no curso do qual (espalhando-se) nitidamente, ele discorreu sobre a imortalidade da alma, sobre aqueles que dão termino piedoso à vida presente e aos bens que são reservados pelo mesmo Deus junto aos religiosos; (V.C. IV, p.378-379).

nombre de su madre. Allí paso um cierto tiempo en la Iglesia de los Martires, elevando preces, suplicas y letanias a Dios. Cuando se cercioro de lo proximo que estaba su fin, <penso> que esa era ya la ocasion de purificarse de sus pasados yerros, convencido de que con la salvifica ablucion < y > el poder de las arcanas palabras quedaria su alma limpia de cuanto le acaecio pecar, cual mortal. Tras resolverse a ello, genuflexo en tierra rogo a Dios, a la vez que confesaba sus pecados en el mismo templo, y alli por primera vez se hizo acreedor de las preces liturgicas mediante la imposicion de manos. Como partiera de alli, arriba a un suburbio de la ciudad de Nicomedia y, convocando alli a los obispos, tuvo estas palabras con ellos: «Este era el cabal momento largamente esperado por mi, sediento, entre oraciones, de hallar gracia ante Dios. Hora nos es ya de gozar del sello que confiere la inmortalidad, 2 hora de la salvifica impronta < q u e> otrora pense tomar em las corrientes del rio Jordan, en las que se recuerda que tambien el Salvador recibio el bano, para ejemplo nuestro. Pero Dios, que a fin de cuentas conoce lo mas conveniente, es aqui donde nos hace la merced de su gracia. Que no haya, pues, dilacion alguna. Pues si el Senor de la vida y de la muerte quiere que nosotros sigamos de nuevo viviendo aqui y, de una vez por todas, se ha decretado que yo me agregue en lo sucesivo al pueblo de Dios y como miembro de la comunidad participe de los rezos juntamente con todos los demas, ya me tendre dictadas normas de vida a mi mismo que sean aceptas a Dios». (V.C. IV, p.382-383-384)²⁸

²⁸ Tradução: Com efeito, uma vez concluídas as primeiras práticas da Festa da Páscoa, logo que o dia da redenção passou com ar exultante e alegre, fazendo brilhar a festa para si e para todos, por mais que tivesse passado a sua vida <a esta> a final, Deus, com quem os realizou, recompensou-o, no momento mais oportuno, com a transferência divina para algo melhor. Um primeiro mal-estar ocorre em seu corpo, ao qual ocorre uma franca deterioração, e em vista disso ele visita os banhos termais de sua cidade; de lá ele vai para a cidade que leva o nome de sua mãe. Lá ele passou algum tempo na Igreja dos Mártires, fazendo orações, súplicas e ladainhas a Deus. Quando ele se certificou de que os próximos dias seriam seu fim, <pensou> que está já era a ocasião para se purificar de seus erros passados, convencido de que com a ablução salvífica <e> o poder das palavras misteriosas, sua alma seria purificado de tudo, aconteceu com ele o pecado, que mortal. Após a resolução, fez uma genuflexão no chão, orou a Deus, ao mesmo tempo que confessava os seus pecados no mesmo templo, e ali pela primeira vez se tornou credor das orações litúrgicas pela imposição de mãos. Ao sair dali, subindo para um subúrbio da cidade de Nicomédia e, convocando os bispos de lá, tinha estas palavras com eles: « Este foi o momento exato por mim esperado, com sede, entre as orações, para encontrar a graça diante de Deus. É hora de gozarmos do selo que a imortalidade confere, 2 horas da impressão salvífica <que> Certa vez pensei em recolher as correntes do rio Jordão, no qual se lembra que o Salvador também recebeu o banheiro, para nosso exemplo. Mas Deus, que em última análise conhece o mais cômodo, é aqui onde nos torna a misericórdia da sua graça. Que não haja demora, então. Pois bem, se o Senhor da vida e da morte quer que continuemos a viver aqui e, de uma vez por todas, foi decretado que a partir de agora serei acrescentado ao povo de Deus e como membro da comunidade participarei no Eu oro junto com todos os outros, terei regras de vida ditadas a mim mesmo que sejam aceitáveis a Deus». (V.C. IV, p.382-383-384).

Dessa forma, de acordo com o bispo palestino, Constantino sentindo que seus últimos dias se aproximavam procurou realizar orações e suplicas a Deus, logo se convenceu de que seria o momento de se purificar e se redimir dos seus erros e pecados, acreditava que com uma purificação salvadora, sua alma seria redimida de todos os pecados passados. Com isso o bastimos acontece com as orações litúrgicas e a imposição das mãos, desse momento em diante, Constantino se uniu a comunidade do povo de Deus.

Diante do apresentado, podemos fazer reflexões no sentido de por que Constantino sendo segundo Eusébio um cristão convicto que realizou grande feitos para com os cristãos no Império, batizou-se somente no final de sua vida? Se Constantino realmente fosse um cristão sincero ele não teria aceitado o batismo na fé cristã bem antes? Bem, essas indagações são pertinentes, no entanto, acreditamos que Constantino teria usado a religião cristã para conquistar seus objetivos políticos.

Entretanto, isso não significa que ele não acreditasse na existência do Deus cristão, bem como que ele também era um caminho para a salvação, tendo em vista, que um indivíduo que não possui crença em determinada religião não consegue se manter resolvendo questões, administrando e favorecendo a mesma por muito tempo. Além disso, as palavras de Constantino após o bastimos dizem que “ Ahora se que soy de veras feliz, ahora se que se me ha hallado digno de la vida imperecedera, ahora se que tengo parte en la luz divina.” (V.C. IV, p.385).²⁹ Ademais, como podemos notar a seguir a vida de Constantino chega ao fim.

las Sagradas Escrituras afirman que en ella tuvo lugar la ascension de nuestro comun Salvador al cielo y el descenso del Espiritu Santo sobre los hombresm. En el transcurso de esta solemnidad el emperador recibio las prerrogativas que he descrito; pero em el ultimo dia de todos, que sin temor a equivocarse uno podria llamar la fiesta de las fiestas, en torno al mediodia era elevado hacia su Dios, dejando a los mortales lo que de mortal le emparentaba a ellos, mas engastando en su Dios todo cuanto tenia su alma de intelectualivo y de sublime.

²⁹ Tradução: Agora sei que sou realmente feliz, agora sei que fui considerado digno da vida imperecível, agora sei que tenho uma parte na luz divina. (V.C. IV, p.385).

He ahi el final de la vida de Constantino. Pasemos, pues, a lo que sigoio. (V.C. IV, p.386-387)³⁰

A morte de Constantino, ocorreu em meio a um processo em que o Imperador passou pelo batismo, ou seja, se tornou cristão de fato e onde teria sido purificado dos seus pecados, bem como por a elevação da sua alma a Deus, além de ter acontecido durante a festividade da pascoa. Dessa maneira Constantino deixa a vida terrena e é elevado a Deus.

Entretanto, mesmo depois da morte do Imperador, Eusébio continua descrevendo sua história, o bispo ressalta que o corpo de Constantino foi levado pelos soldados para Constantinopla e colocado em um dos principais salões imperiais e acenderam lustres de ouro, tal espetáculo nunca havia sido visto. (V.C. IV, p.388).

Dito isso, para Eusébio, Constantino mesmo depois de morto continuo reinado no Império, pois as coisas no Império continuavam se desenvolvendo como se o Imperador Constantino ainda estivesse vivo. Além do mais, na perspectiva do discurso eusebiano, Deus honrou Constantino que continuou um cristão com privilégios depois de morto. (V.C. IV, p.389-390-391).

Não obstante, o bispo palestino evidencia que na morte de Constantino havia predileção divina, por ele ser o único Imperador Romano a venerar o Deus cristão e salvador, além de ser o único a declarar a doutrina de Cristo com sinceridade, sendo ainda o único a dar notoriedade a sua igreja como nenhum outro e por tudo, recebeu vitórias na vida assim como na morte. (V.C. IV, p.396-397)

Contudo, percebemos que o discurso eusebiano está preocupado em demonstrar o Imperador Constantino como crente devoto da religião cristã,

³⁰ Tradução: As Sagradas Escrituras afirmam que nela ocorreu a ascensão do nosso Salvador comum ao céu e a descida do Espírito Santo sobre os homens. No decorrer desta solenidade, o imperador recebeu as prerrogativas que descrevi; Mas no último dia de todos, que sem medo de errar se poderia chamar de festa das festividades, por volta do meio-dia foi elevado a seu Deus, deixando aos mortais o que era mortal a eles relacionado, mas colocando em seu Deus tudo o que tinha sua alma de intelectual e sublime. É o fim da vida de Constantino. Passemos, então, ao que se seguiu. (V.C. IV, p.386-387).

isto é, um Imperador cristão. A princípio ressaltando o quão bom, piedoso e fiel a Deus é o Imperador. Principalmente, com os feitos realizados para fortalecer e disseminar o cristianismo no Império Romano, sem deixar de lado as questões imperiais.

Além de evidenciar que, Constantino foi honrado por Deus e teve uma vida e uma morte memoráveis, recebeu o batismo e se redimiou dos pecados para que sua alma encontrasse a glória eterna. Além disso, preparou seus filhos para seguir os seus passos no governo do Império e no caminho da fé em Cristo. Acreditamos, que Eusébio parte desses subsídios para construir a imagem cristã do Imperador, visando o fortalecimento e a superioridade do cristianismo sobre as outras religiões do Império Romano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por tudo ora supracitado, notamos que o Império Romano passou por muitas mudanças no campo político e religioso. Particularmente, no século IV d.C. que vivenciou uma série de dissensões religiosas, no interior das quais se fortalecem as comunidades cristãs, haja vista ser Constantino, de acordo com a historiografia, o primeiro Imperador a dotar políticas pró-cristãs, o que produziu significativas mudanças político-culturais.

Ademais, essa pesquisa procurou mostrar a história do cristianismo no campo da História e não no campo das Ciências da Religião e nem tão pouco da Teologia, o que significa olhar para o cristianismo a partir do instrumental teórico-metodológico do historiador, mais precisamente da Nova História Cultural com destaque à noção de discurso e poder de Foucault.

Além disso, nessa pesquisa trabalhamos com o bispo Eusébio de Cesareia que foi um escritor de história a frente de seu tempo, tendo em vista que ele tinha consciência que seus discursos precisavam ser fundamentados, por isso fazia uso de obras anteriormente escritas e leis

promulgadas no Império. Certamente, Eusébio dispôs de uma boa educação filosófica, bíblica e teológica. No entanto, tornou-se um erudito cristão, indubitavelmente pôr suas inúmeras leituras e conhecimentos adquiridos durante a vida.

Como foi compreendido, Eusébio teria dedicado boa parte de sua vida a construção de discursos apologéticos e panegiristas isso nos leva a crer que o bispo procurava estabelecer uma relação de proximidade com Imperador Constantino, levando em consideração que visava projetar o fortalecimento do cristianismo no Império Romano e, assim torna-se “líder” da religião cristã.

Em seus discursos, o bispo palestino propõe a ascendência do cristianismo no Império Romano. Contudo, percebemos, que a aproximação no século IV d.C. entre o Imperador Constantino e o bispo Eusébio de Cesareia contribuiu para a construção das narrativas sobre a cristianização de Constantino Imperador Romano. A partir disso, ocorreu uma valorização do cristianismo e a unificação do Império Romano.

Ademais, acreditamos que o Imperador pode ter se preservado convicto com relação aos preceitos cristãos, exercitando sua fé a partir das narrativas cristãs, entretanto, sem desprezar seus objetivos políticos envoltos de interesses voltados a sua posição social. Por exemplo, a unificação do poder político-administrativo do Império e a diminuição dos movimentos contrários ao seu governo.

Entendemos, que Constantino, foi um exímio estrategista político e religioso, levando em consideração que no decorrer do seu governo incentivou a política de “tolerância” entre as religiões no Império Romano, o que proporcionou inúmeros benefícios para si próprio e para a sociedade no contexto do século IV.

É preciso levamos em consideração, que os esforços literários de Eusébio em mostrar a conversão, ou seja, construir a imagem cristã do Imperador, faz parte de uma estratégia política discursiva para oportunizar a relação político-religiosa na constituição de projetos de poder na antiguidade-tardia. Compreendemos, que Eusébio soube integrar o poder

Imperial aos propósitos do cristianismo no momento em que inseriu o Imperador Constantino na religião cristã.

No entanto, os questionamentos sobre a suposta conversão, não se encerram nessa pesquisa, o que procuramos no desenvolvimento desse trabalho é mostrar caminhos e indagações que explorem as intencionalidades e objetivos deste bispo cristão em propagar, em seus discursos, a conversão na fé cristã de um Imperador Romano.

Ademais, o que percebemos durante a pesquisa é que Eusébio e Constantino estabeleceram uma ligação de proximidade entre o cristianismo e as estruturas imperiais, Eusébio partindo da erudição na construção das narrativas e Constantino da publicação de leis que favoreciam as comunidades dos cristãos. A relação entre as instâncias religiosa e Imperial mudou os caminhos da vida política e religiosa do Império Romano.

Procuramos nessa pesquisa, compreender como os historiadores demonstram a relação político-religiosa entre Imperadores e bispos, a partir disto, percebemos como os historiadores interpretam a conversão do Imperador Constantino, com vertentes que concordam e outras que discordam da conversão do Imperador.

Entretanto, notamos que é ainda bem complicado para muitos estudiosos da história assumir um posicionamento que seja definitivo, no que diz respeito, a conversão do Imperador Constantino, levando em consideração que é uma questão emblemática dentro da história eclesiástica. Apesar disso, a suposta conversão pode ser contemplada como um marco, para o entendimento das questões político-religiosas que se desenvolveram no século IV.

Consideramos importante nessa pesquisa, compreender a construção do discurso do cristianismo que passou de religião perseguida a privilegiada dentro do Império após a suposta conversão do Imperador Constantino. Acreditamos, que Eusébio criou com seus discursos uma tradição político-religiosa que com suas mudanças e permanências é fortemente protegida pela ortodoxia cristã até os dias hodiernos.

Não obstante, podemos considerar, que a relação entre as lideranças eclesiásticas e o primeiro Imperador pró-cristão, ou seja, o contato entre

Eusébio de Cesareia e o Imperador Constantino no mundo tardo-antigo, influenciou a decisão conciliar para o chancelamento de uma única fórmula de credo o niceno. Nesse contexto, compreendemos, que as relações de poder tecidas no cenário político Romano tardio estavam envoltas de muitos interesses, logo, o poder Imperial se consolidava nas mãos do Imperador, ao mesmo tempo em que o cristianismo ganha respaldo e ascende no Império Romano.

Acreditamos, que Eusébio em suas obras demonstrou aos Imperadores que os cristãos não representavam uma ameaça ao poder Imperial, dessa forma, compreendemos que houve um verdadeiro processo de convencimento por parte do bispo, tal esforço do bispo palestino, teria convencido Constantino e Licínio a princípio. No entanto, Constantino pretendia estabelecer relações diplomáticas com os grupos religiosos que circulavam no Império, entendemos, que teria sido por essa razão que desenvolveu uma política pró-cristã.

Compreensivelmente, as questões religiosas trazem grande influência nesse contexto, em virtude disso, acreditamos que Constantino e Licínio desenvolveram uma política de “tolerância religiosa” no Império Romano. Contudo, a disputa por poder entre ambos, com a vitória de Constantino, resultou na continuação da estratégia política de “tolerância” apenas pelo príncipe Augusto para manter os movimentos contestatórios sob controle em uma realidade de pluralismo religioso.

Consideramos, que Constantino percebeu nos discursos cristãos seu poder de incorporação social sobre o caráter heterogêneo do Império Romano. No entanto, se envolveu nas querelas religiosas para resolvê-las, como aconteceu no Concílio de Niceia com o chancelamento do credo niceno. Além disso, julgamos, que Constantino notou ser necessário também protocolar a unificação da religião cristã para minimizar os movimentos contestatórios dentro da religião e assim manter o Império sob seu comando.

Além do mais, cremos que a descrição da conversão do Imperador Constantino, bem como a valorização da sua origem paterna nos escritos do bispo Eusébio de Cesareia, são subsídios que fazem parte de uma estratégia discursiva que salienta a construção da imagem sagrada de um

Imperador cristão. Com isso, acreditamos que essa estratégia discursiva Eusébia é utilizada para afirmar e legitimar o poder do Imperador, dos bispos e também do cristianismo no Império Romano, além de possibilitar uma relação político-religiosa vantajosa para o Imperador, os bispos e os cristãos.

Não obstante, acreditamos que a postura pró-cristã de Constantino lhe redeu a unificação do poder Imperial e o fortalecimento de seus projetos políticos, logo as narrativas de Eusébio mostram que Constantino se tornou o único governador amado por Deus e com isso constitui-se como um modelo cristão a ser seguido por todos. Em razão disto, tudo nos leva a crer, que Eusébio desenvolveu um discurso que busca cristianizar o Imperador Constantino.

Contudo, percebemos, que o discurso eusebiano está preocupado em demonstrar Constantino como um Imperador cristão. Ressaltando, suas virtudes e seu posicionamento pró-cristão que possibilitou o fortalecimento e disseminação do cristianismo no Império Romano, ao mesmo tempo em que tratava das questões imperiais. Acreditamos, que Eusébio parte desses elementos para construir a imagem cristã do Imperador, visando a superioridade do cristianismo sobre as outras religiões do Império Romano.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Rosane Dias de. *A Construção da imagem do governante: uma análise das representações do Imperador Constantino (306-337 d.C)*. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.
- ALENCAR, Rosane Dias de. *As imagens de Constantino I nos documentos textuais dos séculos IV e VI: múltiplas faces do poder em Roma*. 2012. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.
- ALMEIDA, Néri de Barros; TORRE, Robson Murilo G. Della. A História Eclesiástica de Eusébio de Cesaréia frente à tradição historiográfica clássica. In: Igor Salomão Teixeira e Rafael Bassi (org.). *A escrita da história da Idade Média*. São Leopoldo: Oikos, 2015, p. 9-35.
- ALMEIDA, Néri de Barros; TORRE, Robson Murilo G. Della. O Discurso de unidade cristã nos textos de Eusébio de Cesaréia. *IFCH-UNICAMP*, Campinas, p. 1-11, 2008.
- ASSUMPÇÃO, Murilo Pereira. *As representações de Diocleciano (284-305 d. C.) e Constantino (307-337d.c.) na produção textual pagã e cristã tardo antiga*. 2018. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.
- BARNES, Timothy David. *Constantine and Eusebius*. Cambridge; Massachussets: Harvard University Press, 1981. Apud SILVA, 2015, p. 46.
- BURCKHARDT, Jacob. *The Age of Constantine the Great*. Translated by Moses Hadas. Nova York: Pantheon Books, 1949; Apud DELLA TORRE, 2011, p. 30.
- CAPRINO, Andréia Rosin. *Legitimidade do poder imperial de Constantino na obra história eclesiástica de Eusébio de Cesareia (306-324)*. 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.
- CARLAN, Cláudio Umpierre. Constantino e as Transformações do Império Romano no Século IV. *Revista de História da Arte e Arqueologia*, v. 1, p. 27-35, 2009.

CARLAN, Cláudio Umpierre. O Império Romano no século IV e os Conflitos Religiosos. *Revista Jesus Histórico*, v. 1, p. 2-17, 2009.

CARRIKER, Andrew James. *The Library of Eusebius of Caesarea*. Leiden: Brill, 2003. Apud SILVA, 2015, p. 83.

COELHO, Déborah Carvalho; JUNIOR, José Petrúcio de Farias. Estudos sobre o bispo Eusébio de Cesaréia (265-339) e o Imperador Constantino (272-337) no Brasil: balaço historiográfico. In: Ana Livia Bomfim Vieira; Maria Aparecida de Oliveira Silva; José Petrúcio de Farias Junior (Org.). *Ensino e Pesquisa em História Antiga e Medieval: religião, política e poder*. Teresina: EDUFPI, 2020. p. 87-97.

Credo firmado em Niceia. Disponível em:

https://www.ecclesia.com.br/biblioteca/historia_da_igreja/primeiro_concilio_e_cumenico_de_niceia.html. acesso em: 01 de jun. de 2020.

DANIÉLOU, Jean; MARROU, Henri-Irinée. *Nova História da Igreja*. Dos Primórdios a São Gregório Magno. Vol. I. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1984. Apud SILVA, 2015, p. 46.

DELLA TORRE, Robson Murilo Grando, 1986- *A atuação pública dos bispos no principado de Constantino: as transformações ocorridas no Império e na Igreja no início do século IV através dos textos de Eusébio de Cesaréia*. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2011.

DELLA TORRE, Robson Murilo Grando. O discurso de unidade cristã nos textos de Eusébio de Cesaréia. *UNICAMP (IFCH)*, p. 1-11, 2008.

EUSÉBIO DE CESARÉIA. *Vida de Constantino*. In: tradução, tradução y notas de Martin Gurruchaga. Madrid: Editorial Gredos, 1994.

EUSÉBIO, Bispo de Cesaréia, 265-340. *História eclesiástica*/Eusébio de Cesaréia. In: tradução Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do Discurso*: aula inaugural no Coliège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FRANCHI, Ana Paula. Constantino e a legitimação do poder imperial no século IV d.C.: um estudo do panegírico latino de 310. *Revista Vernáculo*, n. 21 e 22, p. 184-197, 2008.

FRANGIOTTI, Roque. Introdução e Notas. In: EUSÉBIO, Bispo de Cesaréia, 265-340. *História eclesiástica/Eusébio de Cesaréia*; [tradução Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo]. - São Paulo: Paulus, 2000. – (Patrísticas; 15).

FRAZÃO, Andreia Cristina Lopes. *Eusébio e a formação de uma ideologia de apoio ao Estado Romano*. 1990. 308f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1990. Apud SILVA, 2015, p. 45.

GRÉGOIRE, Henri. « La conversion de Constantin ». *Révue de l'Université de Bruxelles*, volume 36, p. 231-272, 1930 e *idem*. « Eusèbe n'est pas l'auteur de la Vita Constantini et Constantin n'est pas converti en 312 ». *Byzantion*, volume 13, p. 561-583, 1938 (ambos apud GURRUCHAGA, Martín. "Introducción". In: EUSÉBIO DE CESARÉIA. *Vida de Constantino*. *Op. cit.*, p. 100-102). Apud DELLA TORRE, 2011, p. 31

J.B. Bury. *A History of the Later Roman Empire*, reed. 1958, New York, Dover Books, vol. I, p. 360. Citado por Peter BROWN, *Society and the Holy in Late Antiquity*, Berkeley/Los Angeles, University of California Press, 1982, p. 97 (*La Société et le sacré dans l'Antiquité tardive*, trad. fr. A. Rousselle, Paris, Seuil, 1985, reed. 2002). Apud VEYNE, 2007, p. 9.

JONES, Arnold H. M. *Constantine and the Conversion of Europe*. *Op. cit.* (1948). Apud DELLA TORRE, 2011, p. 28.

JÚNIOR, Carlos de Faria; SOUZA, Flávio Henrique Santos de. A "condenação" do arianismo (século iv d.c.). *Revista Jesus Histórico*. Rio de Janeiro, p. 58-76, 2016.

LE GOFF, Jacques. *O Deus da Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. Apud JÚNIOR; SOUZA, 2016, p. 63.

MARVILLA, Miguel, *O Império Romano e o Reino dos Céus : a construção da imagem sagrada imperador em De laudibus Constantini, de Eusébio de Cesaréia (séc. IVd.C.)*. Vitória: Flor & cultura, 2007.

MEDEIROS, Edalaura Berny *Ser Cristão no século IV: identidade em história Eclesiástica de Eusébio de Cesareia*. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

MEDEIROS, Edalaura Berny; CERQUEIRA, Fábio Vergara. *Controvérsias na identidade cristã segundo Eusébio de Cesareia, em História Eclesiástica*. In: Fábio Cerqueira, Ana Teresa Gonçalves, Edalaura Medeiros & Delfim (org.). *Saberes e poderes no Mundo Antigo: Estudos Ibero-latino-americanos*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 2020. p. 193-212.

MIGLIORE, Franzo. "Introduzione." In: EUSEBIO DI CESAREA. *Storia ecclesiastica*, vol.1. 2ed. Roma: Città Nuova, 2005, pp. 5-41. Apud RAMALHO, 2018 p. 45.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes, 2001.

RAIMUNDO, Mariana de Matos Ponte. *A virada constantiniana e a consolidação da identidade cristã no século IV: uma análise sócio-histórica*. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

RAMALHO, Jefferson. *Constantino nas palavras e nas coisas: a (não) cristianização imediata do Império Romano a partir das diferenças e das semelhanças entre representações político-religiosas de fontes literárias e de fontes arqueológicas (312-337)*. 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências humanas, Campinas, 2018.

RAMALHO, Jefferson. Entre a pena e o cinzel: histórias de um imperador romano escritas por Eusébio de Cesareia e esculpidas no Arco de Constantino. *Rev. Arqueologia Pública*. Campinas, p. 46-57, 2015.

RAMALHO, Jefferson. *Eusébio e Constantino: o início de uma igreja imperialista*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013. Apud RAMALHO, 2018, p. 39.

RAMALHO, Jefferson. *O Eusébio de Constantino e o Constantino de Eusébio: o início das relações de poder entre a igreja e o estado*. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

ROSA, Flávio Justino. *A visão de Eusébio de Cesaréia (séc. IV) sobre as dissidências cristãs no processo de desenvolvimento da Igreja*. 2019. Dissertação (Mestrado em História) – Unuversidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

SCHAFF, Philip. *Nicene and post-Nicene fathers series II, volume 1*. Eusebius Pamphilius Schaff, Philip (1819-1893) (Editor) McGiffert, Rev. Arthur Cushman, Ph.D. (Translator). [S.I.], Publisher: Grand Rapids, MI: Christian Classics Ethereal Library, [18--]

SILVA, Diogo Pereira da. As perseguições aos cristãos no Império Romano (séc. I-IV): dois modelos de apreensão. *Revista Jesus Histórico*, Rio de Janeiro, v. 7, p. 29-44, 2011.

SILVA, Eliton Almeida da. *Eusébio de Cesareia e a defesa do patrimônio imobiliário cristão (século IV d.C.)*. 2015. Dissertação (Mestrado em História)

– Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca, 2015.

SILVA, Eliton Almeida da. Identidade na antiguidade tardia: Considerações sobre a perspectiva de Eusébio de Cesareia quanto à identidade dos cristãos no século IV d.C. *Revista História e Cultura*, Franca, v.2, n.3, p.252-267, 2013.

SILVA, Gilvan Ventura. História, festa e poder no baixo império romano: a propósito da assembleia da oração à assembleia dos santos. *História revista*, Goiânia, v. 11, n. 1, p. 45-57, 2006.

SILVA, Paulo Duarte. A “revolução constantiniana” e o fortalecimento cívico episcopal: considerações historiográficas. *Revista Jesus Histórico*, Rio de Janeiro, RJHR VII:13, 2014.

VEYNE, Paul. *Quando o nosso mundo se tornou cristão*. In: Tradução Arthur Morão. 1. ed. Lisboa: Texto & Grafia, 2007.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
(X) Monografia
() Artigo

Eu, **DÉBORAH DE CARVALHO COELHO** autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **O BISPO EUSÉBIO DE CESAREIA (265-339) E O PROCESSO DE CRISTIANIZAÇÃO DO IMPERADOR CONSTANTINO I (272-337)** de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 26 de novembro de 2021.

Déborah de Carvalho Coelho.

Assinatura

Déborah de Carvalho Coelho.

Assinatura